

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



QUALIDADE DA REPRESENTAÇÃO DA VINCULAÇÃO E A
QUALIDADE AFECTIVA DA RELAÇÃO DE OBJECTO EM CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS

Bárbara Teixeira de Azevedo Ramos

11554

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

QUALIDADE DA REPRESENTAÇÃO DA VINCULAÇÃO E A
QUALIDADE AFECTIVA DA RELAÇÃO DE OBJECTO EM CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS

Bárbara Teixeira de Azevedo Ramos

Dissertação orientada por Prof. Doutor Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor Nuno Torres, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Gostaria de agradecer...

Ao Prof. Nuno Torres pela paciência e disponibilidade incessantes face às inseguranças constantes, mas essencialmente pela orientação, dedicação e confiança depositadas neste trabalho desenvolvido.

À Prof. Joana Maia, pela total disponibilidade e cotação dos dados recolhidos (muitíssimo obrigada!) e ao Prof. Bruno Ferreira por participar no acordo inter-avaliadores.

À Dr.^a Marília e Dr.^a Lígia, por ajudarem na familiarização com o instrumento utilizado e por terem disponibilizado os materiais e informações essenciais à sua aplicação.

Ao Prof. Orlando Santos pelo envolvimento com o tema abordado neste trabalho e esclarecimento de certas dúvidas.

Associação Crescer Ser e Lar-Escola António Luís de Oliveira pela disponibilidade em acolher este trabalho.

À colega Joana Pinhel, companheira na exaustiva recolha dos dados.

Amigos, Família e ao João pelo incentivo e confiança ininterruptos, bem como pelos inestimáveis conselhos!

RESUMO

Pretendeu-se estudar a relação entre a qualidade da representação da vinculação e a qualidade da tonalidade afectiva da relação objectal.

Os participantes são 19 crianças institucionalizadas, vítimas de maus-tratos, com idades compreendidas entre os 48 e os 96 meses. Utilizou-se o *Attachment Story Completion Task* (ASCT) (Bretherton & Ridgeway, 1990) para obter 5 narrativas interpessoais avaliadas mediante dois instrumentos de cotação: 1) o procedimento de Heller para avaliar a qualidade e a segurança das representações internas da relação de vinculação, e 2) *The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data* para avaliar as relações de objecto. Utilizou-se a Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence para controlar os efeitos da capacidade semântica na produção das narrativas. Os dados obtidos mostram que estas crianças apresentam, em média, uma baixa qualidade de vinculação, e que a tonalidade afectiva está positivamente correlacionada com a vinculação em todas as histórias do ASCT à excepção de uma (história do monstro no quarto), e com o Q.I. verbal apenas na história do monstro no quarto. Nesta amostra, os resultados sugerem alguma convergência entre a pobre qualidade dos modelos internos dinâmicos e a tonalidade afectiva das relações.

Palavras-chave: institucionalização de crianças, vinculação, relações de objecto.

ABSTRACT

The aim was to study the relationship between the quality of the representation of attachment and the quality of affect tone of object relation. Participants were 19 institutionalized children, victims of maltreatment, ages averaging between 48 and 96 months. Was used the *Attachment Story Completion Task (ASCT)* (Bretherton & Ridgeway, 1990) for 5 interpersonal narratives evaluated by two instruments for coding: 1) the Heller procedure to assess the quality and safety of internal representations of the attachment relationship, and 2) *The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data* to assess the internal object relations. By using the *Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence* we monitor the effects of semantic capacity in the production of the narratives. The data show that these children have a low quality of attachment, and the affect tone is positively correlated with the attachment in all the stories of ASCT except for one (story of the monster in the room), and with the verbal I.Q, only in the history of the monster in the room. In this sample the results suggest some convergence between the poor quality of internal working models and affect tone of relationship.

Key-words: institutionalization, attachment, objects relations.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Teoria da Vinculação	2
<i>Modelos Internos na Idade pré-escolar</i>	5
Teorias Psicanalíticas das Relações Objectais.....	7
<i>Vinculação e Relações de Objecto</i>	11
Maus Tratos Infantis (conceitos e tipologias)	13
<i>Impacto dos Maus-tratos Infantis no Desenvolvimento</i>	16
<i>Consequências Psicológicas ou Emocionais</i>	17
<i>Impacto dos Maus-tratos na Qualidade da Vinculação e das Relações de Objecto Interno</i>	18
Institucionalização de Crianças	19
<i>Impacto da Rotura de Vínculos Afectivos</i>	20
MÉTODO	23
Participantes	23
Instrumentos	24
<i>Attachment Story Completion Task, ASCT</i>	24
<i>Cotação de Coerência e Segurança do Modelo Interno de Vinculação segundo Heller</i>	25
<i>Wechsler Preechool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI</i>	27
<i>The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data, SCORS</i>	27
Cotação.....	29
Procedimento	30
<i>Recolha dos dados relativos aos Modelos Internos, com o Attachment Story Completion Task</i>	31

<i>Recolha dos dados relativos às relações de objecto, com a cotação das narrativas mediante o SCORS</i>	32
<i>Recolha de dados relativos ao QI Verbal, através da Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI</i>	33
RESULTADOS	34
Coerência e Segurança do Modelo Interno.....	34
Fidelidade e Consistência Interna para os valores de Coerência e Segurança.....	34
Relação entre Coerência, Segurança, Género e QI Verbal.....	36
Cálculo da Variável “Qualidade da Vinculação” através da Segurança e Coerência.....	36
SCORS.....	37
Relação entre a tonalidade afectiva, Género e QI Verbal.....	38
Relação entre Tonalidade Afectiva e Qualidade da Vinculação.....	40
DISCUSSÃO.....	43
Referências	48
ANEXOS	
ANEXO A: Protocolo do <i>Attachment Story Completion Task (ASCT)</i>	53
ANEXO B: Protocolo da <i>Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI</i>	60
ANEXO C: <i>The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data (SCORS)</i> - Scoring rules.....	63
ANEXO D: Médias e desvios-padrão (SD) das histórias para os valores da Coerência e Segurança.....	68
ANEXO E: Correlações para as 5 histórias para os valores de Segurança e de Coerência.....	69

ANEXO F: Coeficientes de alfa de Cronbach para os valores de Coerência e Segurança.....	70
ANEXO G: Médias e desvios-padrão (SD) para os valores de Coerência e Segurança relativamente ao género.....	71
ANEXO H: Médias e desvios-padrão (SD) da dimensão Tonalidade Afectiva das relações das 5 narrativas.....	72
ANEXO I: Correlações entre a tonalidade afectiva das 5 narrativas e com a WPPSI.....	73
ANEXO J: Médias e desvios-padrão para a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas relativamente ao género.....	74
ANEXO K: Correlações entre a tonalidade afectiva das 5 narrativas e a idade.....	76
ANEXO L: Correlação entre a tonalidade afectiva das 5 narrativas e a vinculação.....	77

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Síntese de algumas contribuições para a definição e classificação de maus-tratos infantis.....	14
TABELA 2 – Distribuição de médias e desvio-padrão (SD) das histórias para os valores da Coerência e Segurança.....	34
TABELA 3 – Correlações para os valores de Coerência para as 5 histórias.....	35
TABELA 4 – Correlações para os valores de Segurança para as 5 histórias.....	35
TABELA 5 – Distribuição de médias e desvio-padrão (SD) para os valores da Coerência e Segurança relativamente ao género, e valores de T de student.....	36
TABELA 6 – Distribuição de médias e desvios-padrão (SD) da dimensão Tonalidade Afectiva das relações das 5 narrativas, obtido no SCORS.....	37
TABELA 7 – Correlações para o valor da Tonalidade Afectiva das relações obtido no SCORS para as 5 histórias.....	38
TABELA 8 – Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 histórias e o QI Verbal.....	38

TABELA 9 – Distribuição das médias e desvios-padrão para a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas relativamente ao género, e valores de T de Student.....	39
TABELA 10 – Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Idade....	40
TABELA 11 – Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Qualidade da Vinculação.....	40

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Correlações da Tonalidade Afectiva da história do Monstro com a Idade, QI Verbal e Vinculação.....	41
FIGURA 2 – Correlações da Tonalidade Afectiva das histórias do Sumo entornado, Joelho Magoado, da Separação e do Reencontro com a Idade, QI Verbal e Vinculação.....	42

INTRODUÇÃO

Na história da teoria psicanalítica, pode-se referir duas principais tradições relacionais que emergiram num pós psicanálise de Freud: um grupo das teorias relacionais, representado por exemplo pela Teoria das relações de objecto de Fairbairn (1952), que permaneceu no campo da psicanálise, e a Teoria da vinculação de Jonh Bowlby que se afastou da teoria psicanalítica.

Ambas as tradições surgiram simultânea e separadamente, na década de 40, e desenvolveram-se de forma paralela, contudo existe uma contiguidade entre elas pois assentam numa metapsicologia relacional (Greenberg & Mitchell, 1994).

Os caminhos percorridos por teóricos como Klein e Winnicott tentaram preservar tanto quanto possível a teoria clássica (modelo estrutural-pulsional) propondo alguns conceitos relacionais novos, enquanto Fairbairn desenvolveu por inteiro uma nova metapsicologia relacional, tal como Bowlby, que através da teoria da vinculação, incutiu novas perspectivas e trajectórias teóricas sobre o modelo estrutural-relacional (Greenberg & Mitchell, 1994; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

O modelo estrutural-relacional contrapõe-se ao modelo estrutural-pulsional da teoria clássica desenvolvida por Freud considerando simplista e redutora a concepção inerente de que as primeiras relações seriam motivadas por necessidades primárias, i.e., de que estas seriam mediadas pelo alimento (procura de prazer através da libertação da tensão libidinal) (Greenberg & Mitchell, 1994; Sandler, 1995; Fairbairn, 2000).

Não obstante as muitas diferenças existentes entre a teoria da vinculação e as teorias das relações objectais, estas partilham a noção básica de que as representações do self e dos pais desenvolvidas na infância são impostas na conduta de futuras relações humanas próximas (Bretherton et al., 1990).

Teoria da Vinculação

A formulação da Teoria da Vinculação resulta da junção de contribuições provenientes do trabalho de dois autores e investigadores: Jonh Bowlby (1901-1991) e Mary Ainsworth (1913-1999) (Bretherton, 1992).

Apesar de se preocupar, como outros psicanalistas, com a relação entre a realidade exterior e o mundo interno individual, Bowlby (1973, cit. por Bretherton et al., 1990) critica radicalmente a teoria vigente na época, a teoria das pulsões, substituindo os modelos que lhe serviam de base, pelos modelos da etologia, que se baseia em factos que podem ser observados em outras espécies.

Dentro do contexto etológico, o conceito de vinculação introduzido por Bowlby, designa o comportamento de ligação mãe-filho que surge na sequência de determinados comportamentos filogenéticos instintivos do bebé que promovem a resposta da figura maternal que ao organizar as condições de segurança e conforto na relação, dará lugar à vinculação (Bowlby, 1984).

O contacto e trabalho clínico desenvolvido, enquanto médico, numa instituição para crianças que manifestavam perturbações da personalidade, desencadearam o interesse em compreender os efeitos das experiências familiares no desenvolvimento humano. Os dados empiricamente recolhidos atribuíam a presença de perturbações emocionais à ocorrência de situações de privação de cuidados maternos ou de descontinuidades na relação entre a criança e a figura maternal (Bowlby, 1973).

Inspirado em Craig (1943) e em Piaget (1951, 1954), Bowlby (cit. por Bretherton et al., 1990) refere-se ao aspecto dinâmico e funcional das representações recorrendo à metáfora da construção do modelo interno do self e da figura de vinculação enquanto consequência natural da capacidade humana para construir representações do mundo.

A vinculação desenvolve-se ao longo dos dois primeiros anos de vida da criança, enquanto tentativa de alcançar um equilíbrio dinâmico entre o par mãe-criança. Uma vez alcançado, e aquando uma relação emocional firme e recíproca entre criança e cuidador, esta ajuda a criança a preservar sentimentos de segurança durante períodos de separação cada vez mais prolongados (Cole & Cole, 2000). À luz de Bowlby (cit. por Cole & Cole, 2000), a relação de vinculação entre os pais e a criança, a par do desenvolvimento da sua capacidade simbólica, começa a funcionar como modelo de funcionamento interno que a criança usa, de forma inconsciente, como padrão mental para guiar a interpretação dos acontecimentos interpessoais.

Em suma, alguns autores referem (Bowlby, 1980; Bretherton et al., 1990) que é através desse Modelo Interno Dinâmico (MID) que a vinculação é pensada para dirigir o comportamento da criança, os sentimentos e as representações bem como para realizar o processamento da informação social.

O comportamento de vinculação é, de acordo com Bowlby (cit. por Bretherton et al., 1990), regulado por um sistema motivo-comportamental (sistema de vinculação) que se desenvolve na infância. Este sistema tem como objectivo estabelecer uma proximidade física (e então emocional) com a figura de vinculação, e institui-se em resposta a indícios, internos e externos, destacando-se a sua função básica de sobrevivência e protecção (Bretherton et al., 1990).

Contudo, o estudo pioneiro levado a cabo por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), cujo procedimento experimental teve o conhecido nome de *Situação Estranha*, possibilitou aferir diferenças individuais no modo como os bebés recorrem à figura materna, numa situação de stress, dependendo do contexto que se proporcionou à organização da relação mãe-bebé ao longo do primeiro ano de vida do bebé (cit. por Bretherton, 1992; Soares, 2002).

Foi possível caracterizar estas diferenças comportamentais, baseados na forma como o bebé se aproxima da mãe e explora o meio, segundo uma taxonomia dos tipos de vinculação – padrão de vinculação do tipo seguro; inseguro/ambivalente e inseguro/evitante (Ainsworth et al., 1978), e desorganizada/desorientada (Main e Solomon, 1986 cit. por Bretherton et al., 1990).

Dos seis meses aos dois/três anos de idade, o bebé começa a tentar explorar o mundo à sua volta e a utilizar a mãe como uma base segura, i.e., como figura de apoio, protectora e acessível aquando essa exploração. Este fenómeno de solicitação da (disponibilidade) mãe,

primeiramente comportamental e externamente observável vai sendo interiorizado pela criança, constituindo-se como os scripts da vinculação, que de acordo com Bretherton (1991) se tratam dos elementos cognitivos base das representações de vinculação. Schank e Abelson (1977) definem os scripts como uma representação mental de uma sequência estereotipada de acções que acontecem num determinado contexto espaço-temporal (cit. por Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos & Waters, 2005).

O desenvolvimento da segurança emocional deriva de situações em que a criança teve alguém (figura de vinculação) que lhe serviu de base segura, providenciando a segurança necessária para aliviar adequadamente a ansiedade ou medo e assim explorar gradualmente o meio. A interpretação desta procura de segurança, por parte da figura parental, como importante é um factor de extrema importância para o processo de regulação mútua entre este e a criança (Soares, 2002).

O adequado desenvolvimento da segurança dos modelos internos dinâmicos do self e dos cuidadores pode sofrer interferências na presença de processos defensivos, como resposta a situações de sofrimento mental ou de conflito, tais como inadequação dos cuidados parentais às necessidades ou expectativas da criança (e.g. pai que não oferece amor e suporte incondicionais).

Tais mecanismos defensivos cumprem o objectivo de proteger do espectro da consciência o modelo interno do “mau” pai, que não ama, para elevar o modelo do pai que ama (“o bom pai”). Situação que conduz a um modelo interno dos pais idealizado, e portanto mal adaptado, que suspende o indivíduo de viver uma dor mental insuportável ou confusão no presente, excluindo a informação dolorosa do conhecimento (Bretherton et al., 1990). A este mecanismo, Bowlby (1980) atribui o conceito de exclusão defensiva.

Assim, a qualidade da interacção com os outros significativos vai influenciar a forma como as crianças organizam a vinculação, e assim os seus modelos internos, mediante a qualidade do cuidado providenciado pela figura cuidadora, expresso na sensibilidade, capacidade de resposta e acessibilidade desta às solicitações da criança, proporcionando sensações de protecção, segurança e conforto; no respeito pela necessidade de exploração do ambiente; e pela interpretação correcta das experiências (Bowlby, 1984 cit. por Breterthon, 1992; Soares, 2002).

À luz da teoria da vinculação, situações de insensibilidade ou experiências de abusos vividas pelas crianças na resposta da figura cuidadora contribuem para o desenvolvimento de representações e expectativas negativas acerca dos seus cuidadores, do *self* e mundo em geral, evidenciando a formação de relações de vinculação inseguras (Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan & Vanmeenen, 2000).

Estudos realizados com amostras de alto risco (vítimas de maus tratos), como o presente estudo, têm evidenciado uma maior percentagem de casos de vinculação insegura na primeira infância, vinculações, estas, especialmente do tipo desorganizado/desorientado (Toth et al., 2000).

Numa situação em que a criança com vinculação insegura ou desorganizada é confrontada com um estímulo que evoca o seu modelo interno da vinculação, esta terá dificuldades em construir respostas emocionalmente coerentes, pois remete a resposta para a classe de informação que ela tenta excluir (Bowlby, 1980).

Modelos Internos na Idade pré-escolar

Experiências recentes contribuíram para a investigação realizada com crianças em idade pré-escolar apoiando-se na ideia de que um sentido de *self* começa a emergir já durante esse período, a par das experiências de vinculação (Maia, Veríssimo, Ferreira, Monteiro & Shin, in press).

A criança na idade pré-escolar já tem desenvolvido esquemas relativamente estáveis do seu mundo social e relações, resultantes de experiências rotineiras da criança que proporcionam um conjunto organizado e organizador de expectativas sobre uma situação, que pode ser denominado de modelo interno, script ou esquema (Schank & Abelson, 1977 cit. por Matta, 2001; Bowlby, 1984; Main, Kaplan & Cassidy, 1985).

Não obstante, estes, nos primeiros anos de vida, são relativamente permeáveis caso a qualidade dos cuidados se modifique. De acordo com a teoria da vinculação, a qualidade da vinculação tende a estabilizar e consolidar até à idade pré-escolar sendo que os modelos tendem a operar de modo automático e inconsciente e se tornam resistentes à mudança (Bretherton et al., 1990), dando lugar a modelos mais generalizados e abstractos do *self* e dos outros (Bowlby, 1973).

As crianças apesar do rico mundo interior de que dispõem, e da ponte entre os objectos internos e os objectos externos que se vai desenvolvendo, estão confinadas às suas restritivas capacidades de auto-reflexão e de expressão linguística (Sá, Matela, Morais & Veiga, 2004), o que leva os investigadores a considerarem difícil medir o mundo interno das crianças.

No entanto, dado que entre os 3 e os 10 anos as crianças já possuem capacidades verbais suficientes para, pelo menos, comunicar os seus sentimentos acerca de separações e reuniões, os investigadores tentam aceder aos modelos internos dinâmicos usando narrativas contadas através do uso de figuras, histórias, bonecos e marionetas (Bretherton et al., 1990).

Este tipo de avaliação de narrativas veio preencher um vazio, proporcionando uma forma de reunir informação passível de fazer inferências sobre o mundo interno das crianças (muito crescidas para responderem à “Situação Estranha” e muito novas para participar nos instrumentos verbais), esperando que o conteúdo das respostas revele o conteúdo dos modelos internos dinâmicos destas (Oppenheim & Waters, 1995).

Neste sentido, verificaram-se tentativas pioneiras em examinar as diferenças qualitativas dos modelos internos de funcionamento do self e cuidador, e em relacionar estas com as diferenças da vinculação comportamentalmente acedidas através da “Situação Estranha” ou de outros procedimentos de separação-reunião.

Assim, o primeiro estudo para aceder aos modelos internos utilizando um método de narrativas, foi realizado por Main, Kaplan e Cassidy (1985), com crianças de seis anos de idade, que evidenciou a relação entre a vinculação, num plano comportamental na infância, e a qualidade da vinculação ao nível da representação e da linguagem.

Estes investigadores descobriram que uma vinculação segura poderia predizer a capacidade da criança para discutir emoções abertamente e para resolver de forma construtiva situações indutoras de stress (Oppenheim, 1997).

Este estudo viria a servir de inspiração a Bretherton, Ridgeway & Cassidy (1990) para a elaboração de um procedimento passível de avaliar, mais especificamente, a qualidade e a segurança das representações das relações de vinculação, surgindo o *Attachment Story Completion Task* (ASCT). Nomeadamente, com o intuito de aceder ao grau de segurança das

classificações de vinculação em crianças novas, estes investigadores, recorreram eficazmente, à técnica de completar histórias através do *Attachment Story Completion Task* (ASCT), pedindo às crianças para construir narrativas sobre vários temas de vinculação (Bretherton et al., 1990; Cassidy, 1988 cit. por Oppenheim, 1997).

A utilização deste paradigma instrumental estendeu-se a investigações de amostras não normativas (e.g., amostra de sujeitos vítimas de maus-tratos), verificando-se a presença de temas mais conflituosos e de menos temas morais/afiliação nas narrativas, caracterizadas por expectativas interpessoais negativas bem como por uma dificuldade em resolver problemas relacionais (Toth et al., 2000). Estes resultados conduzem à interpretação de que “as crianças maltratadas têm uma visão menos positiva do seu mundo relacional, e de que desenvolvem modelos internos de funcionamento de si próprios como sendo não beneméritos, e dos outros como indisponíveis” (McCrone et al., 1994 cit. por Toth et al., 2000).

Considerando o que foi abordado acima, torna-se verosímil a utilização desta metodologia – finalização de narrativas – no nosso estudo para a avaliação dos modelos internos de relação de vinculação, em crianças na idade pré-escolar, vítimas de maus-tratos, presentemente em regime de institucionalização, através da aplicação do *Attachment Story Completion Task* (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Teorias Psicanalíticas das Relações Objectais

A expressão “relação de objecto” surge na obra de Freud (1970), no texto *Luto e Melancolia* (Freud, 1996 cit. por Reis, 1998) e, ainda que sempre presente, mesmo que implicitamente, enquanto componente da pulsão, esta designação não foi muito desenvolvida do ponto de vista conceptual. Gradualmente foi sendo aprofundada por diferentes investigações teóricas, tornando-se numa expressão conceptualmente fundamental para perceber o desenvolvimento precoce.

“A relação com o objecto é a relação com um outro que é real, exterior, e a relação com um outro interno, com a representação psíquica do exterior”, podendo definir estas representações

do outro como: “ «objectos internos», «outros ilusórios» e «personificações»” (Câmara, 2005, p.58).

Como referido, verificou-se ao longo da história das ideias psicanalíticas uma “transformação da metapsicologia psicanalítica de um arcabouço teórico baseado em pulsões num arcabouço que faz das relações com outros, reais e imaginados, o centro conceptual interpretativo” (Greenberg & Mitchell, 1994, p. 161).

De forma a tornar mais completas e correctas as descrições de Freud sobre as primeiras relações objectais e a sua importância na posterior vida emocional, vários teóricos, concebem o desenvolvimento das relações objectais.

Considerando Klein e Winnicott como percursores da teoria estrutural-relacional, foram os que menos se distanciaram da teoria clássica, concebendo uma redefinição da teoria freudiana, com a transformação de alguns dos conceitos mais tradicionais. Enquanto Fairbairn e Guntrip assumem uma clara posição de refutação à obra de Freud (Greenberg & Mitchell, 1994).

Melanie Klein trocou a ideia de *estádio* do desenvolvimento psicosexual, presente na teoria de Freud, por *posição*¹ (*posição esquizo-paranóide, posição depressiva*), falando do bom e mau objecto para descrever a importância do objecto e da relação desenvolvida com o mesmo. O aparelho psíquico constitui-se, mediante a utilização de mecanismos mentais de introjecção e projecção, na relação e identificação com o objecto primário (Greenberg & Mitchell, 1994).

Para Klein, as vicissitudes da vida mental, incluindo as relações de objecto internas e externas, derivavam inicial e predominantemente, não de relações reais com outros, mas de pulsões sexuais e agressivas endógenas. Descreveu o mundo relacional interno como a luta de uma vida para integrar os aspectos bons e maus em nós próprios e nos outros (Greenberg & Mitchell, 1994; Klein, 1921-1996).

Um “mundo interior” é constituído a partir da internalização de experiências com objectos reais e da incorporação dos pais como objectos, influenciadas pelas próprias fantasias inconscientes e pulsões do bebé. Esta incorporação vai dar lugar à constituição dos “objectos internos” no

¹ Constelação constituída pelo tipo de ansiedade e modos de defesa mobilizados pelo ego para dela se defender, que persistem durante toda a vida.

inconsciente da criança, que reflectem a realidade exterior tal como é percebida pelo sujeito (Klein, 1921-1996).

Resumindo, para Klein (1921-1996), o mundo interno dá forma à realidade externa consistindo em objectos, primeiro que tudo a mãe, internalizados em vários aspectos emocionais, devendo ser descrito em termos de relações e acontecimentos internos, cujo conteúdo seria constituído por impulsos, fantasias e emoções da criança (cit. por Sá, 2003).

Inspirado em Klein, e sem contestar directamente a teoria clássica, Winnicott tenta desenvolver questões não exploradas por esta e nem por Freud, na tentativa de fazer coexistir duas facções teóricas (Greenberg & Mitchell, 1994).

Para Winnicott (1975), a condição necessária para que o bebé progrida no sentido da identificação primária, é a existência de uma mãe real «suficientemente boa», “que providencia à criança a dedicação essencial à construção do seu mundo interno através de movimentos de *holding*” (amparo físico e psíquico) e da “promoção dos objectos que satisfaçam as necessidades do bebé” (Câmara, 2005).

De acordo com as necessidades do bebé, e com as respostas adaptadas da mãe com vista à sua satisfação, o bebé vive a ilusão de que cria magicamente o objecto externo. “A adaptação da mãe às necessidades do bebé, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar “ (Winnicott, 1975, p. 27).

Os suportes conceptuais da teoria do desenvolvimento psicosexual e da teoria da libido de Freud, de acordo com Fairbairn (cit. por Greenberg & Mitchell, 1994), assentavam em equívocos básicos quanto à motivação e à experiência humana, pois postulava que a fonte de energia motivacional seria o impulso instintivo.

“ A principal mudança que defendo é a adopção do princípio de que a libido é essencialmente procura de objecto” (Fairbairn, 2000, p.184), i.e., que “as relações são um fim em si mesmas e não formas de atingir prazer, valem por si e são o objectivo primordial do ser humano” (Fairbairn, 1946 cit. por Câmara, 2005, p.64).

De acordo com a sua teoria, as relações pessoais com os objectos progridem segundo um desenvolvimento maturativo gradual, que pode ser dividido em três estádios iniciando-se numa relação quase exclusiva e dependente com a mãe. Neste estádio inicial, chamado de «dependência infantil», prevalece uma relação de fusão total com mãe, derivado do sentimento de total desamparo, onde a criança opera segundo um processo psicológico de identificação primária que a faz investir num objecto que ainda não é percebido como diferente do sujeito (Greenberg & Mitchell, 1994), que conduzirá à interiorização psicológica de objectos, i.e., à “incorporação psicológica de representações de objecto na estrutura psíquica” (Fairbairn, 2000, p. 188).

Pelo contrário, o último estádio designado como «dependência madura» caracteriza-se pela capacidade por parte do indivíduo diferenciado para estabelecer relações emocionais de interdependência com objectos diferenciados (Fairbairn, 2000). Contudo, esta maturidade pressupõe que numa fase intermédia, «fase de transição», a criança tenha renunciado às suas relações reais (exteriores) e aos seus vínculos aos objectos internos compensatórios, onde encontrava a segurança que obtinha a continuidade que faltava do relacionamento parental (Câmara, 2005).

Esta progressão acarreta o medo de separação e o de total perda de objectos, pelo que se a criança se sentir amada e valorizada, conseguirá superar o medo alcançando a integridade e riqueza estrutural do ego, anteriormente clivado. Se faltar este sentimento e a criança sentir que a renúncia das suas ligações infantis com os pais e objectos internos não conduz a relações novas mais ricas, emerge a relutância e a fase de transição não é ultrapassada (Câmara, 2005; Greenberg & Mitchell, 1994).

Fairbairn postula que o Ego é uma estrutura unitária, integral, capaz de desenvolver sub-estruturas na prevalência de falha parental (e.g. repetidas experiências de negligência, humilhação ou abuso). A Situação de prevalência de falha parental força a fragmentação interna do Ego em partes, face à necessidade desesperada em manter uma relação emocional positiva com o seu objecto maternal ou paternal, infligindo uma modificação psicológica do seu mundo interno (Fairbairn, 2000).

A criança necessita do contacto emocional, pelo que a situação em que os pais, os constituintes do seu mundo interpessoal, estão psiquicamente indisponíveis, são intrusivos, abandonicos ou

caóticos, é de tal forma intolerável, que a criança separa e internaliza os maus aspectos dos pais. Por outras palavras poderíamos dizer que o Ego tenta a todo o custo manter uma relação privilegiada com o objecto, identificando-se com os “maus” traços (qualidades não desejáveis dos pais) que quando interiorizados se tornam em maus objectos (objectos internos compensatórios) (Greenberg & Mitchell, 1994).

Este será o meio de preservar uma esperança de controlo onnipotente sobre a maldade que existe no objecto externo real fatídico, que lhe causa sofrimento. Deste modo, “a criança adquire a segurança externa pelo preço de sacrificar a segurança interna acrescida de mais esperança ilusória” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.125).

“O sentimento de segurança exterior que resulta deste processo de interiorização pode, contudo, ser seriamente comprometido pela presença resultante dentro dela de maus objectos interiorizados” (Fairbairn, 2000, p.91).

As relações de objecto que resultam desta interiorização, vão constituir o núcleo do recalcado e são a génese do sofrimento e da psicopatologia (Greenberg & Mitchell, 1994).

Outros autores, como Blatt e Levy (2003) contextualizaram as relações de objecto interno enquanto esquemas representacionais. As representações mentais subjacentes às relações de objecto são estruturas cognitivo-afectivas que proporcionam um padrão para processar e organizar a informação de modo a que experiências sejam assimiladas nas estruturas existentes. Estes esquemas cognitivo-afectivos do self, que se desenvolvem ao longo da vida numa lógica desenvolvimental de complexidade, guiam o comportamento do indivíduo, particularmente as suas relações interpessoais, apresentando componentes cognitivos e afectivos conscientes e inconscientes, que derivam das experiências interpessoais significativas precoces (Blatt & Levy, 2003).

Vinculação e Relações de Objecto

Ambas as teorias de Vinculação e de Relações de Objecto se focam na forma como o indivíduo simboliza o seu relacionamento real com os outros. O consistente postulado da Teoria das Relações de objecto, dentro das suas variantes, é o de que, no indivíduo, a forma particular de

representar o self e outros se desenvolve na sua relação com os pais, e permanece como influência nas suas expectativas interpessoais, comportamentos e sentimentos ao longo da vida.

De modo similar, Bowlby (1984), postula que as expectativas das crianças acerca da disponibilidade emocional e responsividade dos seus cuidadores vão servir de base para os seus modelos internos de representação do self e dos outros, que terão, por sua vez, influência no subsequente comportamento e representações em novas relações.

De acordo com Bowlby (1988), ambas as relações de objecto e as relações de vinculação se focam no modo com os modelos internalizados de experimentar o self e de relacionamento com outros continua a influenciar o comportamento e a emoção ao longo da vida. Ambas as perspectivas assumem que as percepções do self, de outros e relações são das atitudes humanas mais importantes (Westen, 1998).

Poder-se-ia, assim, dizer que as representações mentais da Teoria das Relações de objecto são, na generalidade, análogas aos modelos internos dinâmicos (MID) referidos na teoria da Vinculação. As teorias das Relações de objecto e da Vinculação “postulam que os MID’s ou as representações mentais do self e de outros emergem de relações precoces com os cuidadores actuando como guias heurísticos para relacionamentos interpessoais subsequentes, influenciando expectativas, sentimentos e padrões de comportamento em geral” (Blatt & Levy, 2003).

O grau de segurança fornecida pela relação de vinculação vai condicionar a acessibilidade e qualidade da informação assimilada na relação precoce que determina a capacidade para regular os afectos e orientar os comportamentos, que vai por sua vez influenciar as expectativas em relacionamentos posteriores (Veríssimo et al., 2005).

Perante os paralelismos mencionados entre a Teoria da Vinculação e as Teorias Psicanalíticas de Relações de Objecto, este estudo propõe que a avaliação dos modelos internos de vinculação e o das relações de objecto internos devem obter resultados empíricos compatíveis e estar correlacionados.

Os modelos internos de funcionamento das relações de vinculação e as relações de objecto interno enquanto representações mentais são estruturas cognitivo-afectivas que proporcionam

um padrão para processar a informação de modo a que as experiências sejam assimiladas nas estruturas existentes, e que prevalecem sobre a organização do comportamento do indivíduo, derivando das experiências interpessoais significativas precoces (Blatt & Levy, 2003).

As representações de objecto podem ser vistas, teoricamente, como sendo influências, tanto conscientes como inconscientes, na experiência, sugerindo que o acesso através de questionários poderão cobrir apenas alguns aspectos das representações que guiam os relacionamentos próximos. Investigadores das relações de objecto mostraram que os processos representacionais podem ser indirectamente medidos através de informações adquiridas de narrativas obtidas mediante diversas fontes que não requeiram o auto-conhecimento explícito (Westen, 1998). Exemplo disso é a investigação instigada por Westen et al. (1991) que utilizou as respostas dadas ao Thematic Apperception Test (TAT) para aceder a diferentes representações, segundo um sistema de cotação válido e fidedigno – *Social Cognition Object Relations Scale (SCORS)*.

Maus-Tratos Infantis (conceito e tipologias)

Face à natureza crítica das experiências traumáticas precoces pautadas por violência e abuso que determinam as vulnerabilidades e potenciam o risco e o ciclo de adversidades na criança, sabe-se que “muitos desses jovens não se tornam capazes de desenvolver empatia e vínculos com outros supostamente significativos, como também não conseguem assumir um senso moral modelado pelas emoções” (cit. por Carneiro, 2005, p. 25).

Enquanto desvio significativo do que é esperado pelo ambiente, os maus-tratos em comunhão com as figuras mais significativas do mundo da criança, tornam-se uma constelação traumática perturbadora do funcionamento normal da criança que terá, no entanto, de ser interiorizada por esta, daí a importância em pesquisar os efeitos de relações com objectos parentais desadequados na construção dos modelos internos e das relações de objecto interno.

Os maus-tratos infantis apresentam-se como um fenómeno complexo e heterogéneo que contempla várias análises e classificações de acordo com diversos critérios, dimensões e culturas. Aber e Zigler (1981); Chicchetti e Barnett (1991); Zuravim (1991) (cit. por Morais, 2001) abordaram a heterogeneidade do fenómeno de maus-tratos considerando: a heterogeneidade da noção de maus-tratos, heterogeneidade de critérios de classificação, heterogeneidade dos diferentes níveis profissionais relacionados com este fenómeno (médico, legislativo, sociológico, investigativo, psicológico e de intervenção social), e a heterogeneidade das causas e das consequências.

Várias são as contribuições de autores para a definição e classificação de maus-tratos infantis – quer para maus-tratos infantis físicos e psicológicos, quer para negligência. Contudo, e apesar da necessidade de encontrar definições operacionais, no que se refere ao modo como devem ser definidos, parece existir muito pouco acordo ou consenso (Figueiredo, 1998). Na tabela 1 apresentam-se sinteticamente algumas contribuições importantes para esta problemática.

Tabela 1. Síntese de algumas contribuições para a definição e classificação de maus-tratos infantis.

Autores	Contribuições para a definição de maus-tratos infantis
Coimbra, Faria e Montano (1990)	Todas as acções dos pais familiares ou outros que provoquem um dano físico ou psicológico, ou que, de algum modo, lesionem os direitos e necessidades da criança, no que respeita ao seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, moral e afectivo.
Kreisler (1995)	Todas as violências físicas intencionais ou a abstenção voluntária de cuidados para com a criança, por parte dos pais ou adultos que a tenham a seu cargo, dos quais resultam danos, ofensas ou morte.
Magalhães (2002)	Qualquer forma de tratamento físico e/ou emocional, inadequada, não acidental e reiterada, resultante de disfunções e/ou carências nas relações que privam o menor dos seus direitos, afectando a sua saúde, desenvolvimento físico, psicológico e social e/ou dignidade. (Cont.)

Autores	Contribuições para a classificação de maus-tratos infantis
Pérez (1986)	<ul style="list-style-type: none"> - Maus-tratos por injúrias físicas: lesões múltiplas, que não tiveram origem no mesmo espaço de tempo, tais como hematomas subcutâneos, fracturas com diversos graus de cicatrização nas costelas, queimaduras, deslocação das articulações, diversas lesões de pele, lábios, olhos e órgãos genitais; - Maus-tratos por abandono físico: este tipo de mau trato caracteriza-se pela negligência ao nível da alimentação, higiene, vestuário, assistência médica, escolaridade; - Maus-tratos por abuso sexual: o abuso sexual é exercido por um adulto sobre uma criança ou adolescente, numa relação de submissão; - Maus-tratos por abandono emocional: falta de interesse e de ligação do adulto pela criança.
Sousa (1995)	<ul style="list-style-type: none"> - Maus-tratos físicos: actos cometidos por quem tem a criança a seu cargo e pressupõem contacto físico, resultando danos físicos; - Maus-tratos psicológicos: destruição ou a deterioração significativa das competências da criança, tais como a sobrevalorização ou desvalorização das competências da criança associada a punição, reforço negativo ou positivo ou ambiguidade de padrões de avaliação; - Negligência: negligência intencional das figuras parentais perante as necessidades primárias da criança; - Abuso sexual: contacto entre um adulto e uma criança incapaz de dar o seu consentimento (por razão de idade ou imaturidade)
Canha (2000)	<ul style="list-style-type: none"> - Maus-tratos físicos: incluem a síndrome de criança abandonada, queimaduras, fracturas, traumatismos crânio encefálicos, lesões abdominais, sufocação, afogamento e intoxicações provocadas; - Negligência: incapacidade de proporcionar à crianças a satisfação das suas necessidades de cuidados básicos de higiene, alimentação, afecto e saúde, indispensáveis ao seu crescimento e desenvolvimento normais; - Abuso sexual: envolvimento da criança ou adolescente em actividades cuja finalidade visa a satisfação sexual de um adulto ou de outra pessoa mais velha e forte; - Mau-trato psicológico ou emocional: incapacidade em proporcionar à criança um ambiente de tranquilidade, bem-estar emocional ou afectivo, tal como a ausência de afecto, hostilização verbal, a depreciação, ameaça e humilhações frequentes ou situações de grande violência familiar; - Síndrome de Munchausen por Procuração: simulação de sinais e sintomas da criança, por um elemento familiar, com a finalidade de convencer a equipa médica da existência de uma doença, obrigando a hospitalizações frequentes, necessidades de investigação exaustiva e muitas vezes invasivas.

Nota: Baseado na síntese de Rosinha (2005, p.20-21)

Partindo das diversas contribuições fornecidas pelas abordagens referidas, é possível aferir alguns pontos de acordo, entre os autores, tais como: violências físicas intencionais ou morais; abuso sexual, maus-tratos emocionais ou morais (sem consequências físicas); ausência ou

inadequação dos cuidados básicos, decorrendo em efeitos adversos no funcionamento e desenvolvimento da criança.

A criança vítima de maus-tratos é a maior das vezes sujeita a diversos tipos de maus-tratos, e de expressão repetitiva. O abuso físico, segundo as investigações empíricas, parece estar associado ao abuso emocional, revelando uma concomitância entre a presença do maltrato físico e o emocional (Barnett et al., 1991; Claussen & Crittenden, 1991 cit. por Figueiredo, 1998).

Impacto dos Maus-Tratos Infantis no Desenvolvimento

As experiências de maus-tratos durante a infância interferem adversamente na trajetória desenvolvimental do indivíduo, com repercussões a diversos níveis, não só no período em que ocorrem bem como ao longo do seu percurso existencial – adolescência e vida adulta.

Segundo Bolger & Patterson (2003), nas famílias maltratantes o cuidado parental não vai ao encontro das necessidades básicas de subsistência e proteção, segurança emocional e interação social, predispondo a criança para dificuldades várias de ajustamento e adaptação (p.156). Dito de outra forma, “os pais serão maltratantes quando não encontram espaço dentro de si e por isso deixam de estar atentos para o mundo dos seus filhos”(cit. por Reis, 1998, p.17).

As consequências que advém das situações de maus-tratos têm os seus efeitos mais nefastos e de maior gravidade aquando a primeira infância, que compreende os primeiros cinco anos de vida marcados por uma maior fragilidade e vulnerabilidade. Até aos dois anos de idade é onde se regista maior número de casos com resultado de morte e um grande número de casos com danos permanentes (Cerezo, 1995, p.137).

Um corpo bastante rico de pesquisa empírica que examina os efeitos dos maus-tratos na emergência de psicopatologia pode ser-nos dado pelos estudos na área da vinculação (Bowlby, 1969/1982). De acordo com este modelo teórico, a experiência de maus-tratos durante a infância figura-se como uma situação de risco para o desenvolvimento de modelos negativos de representação das figuras de vinculação e da relação que o *self* estabelece com outras figuras de referência (Figueiredo, 1998a).

Consequências Psicológicas ou Emocionais

Os efeitos psicológicos das diversas situações traumáticas vão depender do tipo de carência, do seu grau, da história da criança e do tipo, qualidade e estabilidade da resposta que provir dos pais ou das relações afectivas substitutivas propostas a curto ou a longo prazo (Soulé, Lauzanne & Leblanc, 1995 cit. por Rosinha, 2005).

As consequências adversas sobre o desenvolvimento da criança diferem consoante o tipo de abuso do qual é vítima, manifestando efeitos mais devastadores e permanentes os casos de maus-tratos emocionais (abuso emocional e negligência) do que os casos decorrentes de maus-tratos físicos (Crittenden et al., 1994, Skune & Belovim, 1994 cit. por Figueiredo, 1998). Por exemplo, as crianças vítimas de abusos físicos tendem a desenvolver problemas de atenção, baixa auto-estima, depressão e agressividade. No entanto, algumas dessas crianças são capazes de desempenho social e académico normal, contrariamente ao que acontece com as crianças fisicamente negligenciadas. Estas tendem a ser muito mais evitantes, apresentar atrasos maiores no desenvolvimento e maior falta de motivação e curiosidade.

Evidências empíricas suportam a contenda de que as experiências de maus-tratos durante a infância estão associadas ao aumento do risco para internalizar problemas tais como a depressão e ansiedade; e para externalizar problemas incluindo a agressividade, delinquência e comportamentos anti-sociais (Bolger & Patterson, 2003). Os maus-tratos representam, deste modo, um risco significativo para a adaptação de problemas do foro emocional, comportamental e social.

Segundo Lowenthal (2001) estas crianças costumam evitar a intimidade nas relações, visto que, a sensação de proximidade aumenta os seus sentimentos de vulnerabilidade e falta de controlo, ao invés do afecto e amor desejáveis. De forma a evitar a intimidade, as crianças podem demonstrar afastamento, ausência de contacto ocular, hiperactividade, agressividade e outros comportamentos menos adaptados.

Azevedo & Maia (2006) referem que as crianças vítimas de maus-tratos físicos, psicológicos e de negligência, sobretudo psicoafectiva apresentam maior vulnerabilidade para a depressão e para desenvolverem uma baixa auto-estima.

Por sua vez, a baixa auto-estima parece influenciar a forma como as crianças interpretam e integram os acontecimentos positivos e negativos. Segundo os resultados de alguns estudos referidos por Azevedo & Maia (2006), as crianças maltratadas tendem a atribuir os êxitos a factores externos e os acontecimentos negativos a factores internos, potenciando uma espiral de descrédito nas suas capacidades pessoais e declinando a sua, já baixa, auto-estima. Esta atribuição causal interna vem revelar-se como nada mais do que a confirmação das críticas negativas adoptadas pelos pais ou outros educadores (Azevedo & Maia, 2006, p. 96).

Estas conclusões suportam os resultados obtidos em estudos que avaliam os factores cognitivos e emocionais do *self*, através do uso de indicadores como o auto-reconhecimento visual da criança em frente ao espelho e a qualidade das reacções afectivas à sua imagem. Estes revelaram que as crianças vítimas de maus-tratos têm afectada a dimensão emocional relativamente a si próprios, manifestando face à sua imagem, com maior frequência do que as outras crianças, reacções neutras ou mesmo negativas (Lewis, Sullivan Stranger & Weiss, 1989).

As crianças maltratadas estão, deste modo, em risco de desenvolver modelos globais negativos. As expectativas negativas relativamente a si próprio e ao outro têm influências negativas na competência da criança para interagir adequadamente na relação com os outros, bem como para desenvolver a sua autonomia, potenciando um mecanismo central para a ocorrência de perturbações nestas crianças (Toth & Cicchetti, 1996).

Impacto dos Maus-tratos na Qualidade da Vinculação e das Relações de Objecto Interno

Partindo do pressuposto psicanalítico de que as representações mentais se desenvolvem num contexto afectivo, situações de trauma extremo e malevolência, características de situações de abuso infantil, afectam a percepção das crianças vitimadas acerca do mundo e das interacções com outros (Westen et al., 1990).

Assim, crianças abusadas tendem a desenvolver mais representações negativas, e expectativas de futuro sofrimento e abuso (Freedefeld, Ornduff & Kelsey, 1995), bem como a ideia de que situações de abuso físico afectam determinantemente a tonalidade afectiva das relações, sugerindo que as vítimas desenvolvem um mundo objectal malevolente (Westen, Ludolph, Block & colleagues, 1990, cit. por Freedeniell et al., 1995).

Para Toth & Cicchetti (1996), as experiências precoces com os cuidadores têm impacto na organização comportamental e representacional da vinculação, sendo que situações maus-tratos durante a infância comportam consequências negativas para o desenvolvimento da criança, bem como posteriormente, do adulto, nomeadamente nos modelos de representação das figuras de vinculação, do self, e do self em relação com os outros.

Uma investigação desenvolvida por Toth et al. (2000) que consistiu na comparação entre um grupo normativo de crianças e um outro de crianças com um historial de maus-tratos, em contexto intra-familiar, ambos em idade pré-escolar, foi ao encontro da exposição teórica, com base na teoria da vinculação, de que as crianças que vivem cuidados abusivos ou insensíveis estão propensas a desenvolver representações negativas dos seus cuidadores, e de si próprias, evidenciando a formação de relações de vinculação inseguras. Este dado mostra quão expressivos são os efeitos das situações de maus-tratos no funcionamento da criança.

Institucionalização de Crianças

Além das condições de segurança e protecção inerentes ao bem-estar físico da criança, a Psicologia do desenvolvimento destaca a necessidade da criança em ter um relacionamento de afecto e estímulo constante e ininterrupto (Goldstein et al., 1987 cit. por Carneiro et al., 2005).

Assim, e de acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança, “deverão ser tomadas todas as medidas (...) adequadas à protecção da criança contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, incluindo violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles (...)” (Art. 19, N.º1).

As situações de crise familiar e de abandono de menores são conhecidas; condições de trabalho precário e o número de famílias com problemas ao nível da justiça e da Saúde que se prolongam no tempo vão aumentando o número de solicitações de institucionalização de menores em face dos disfuncionamentos da família (Carneiro et al., 2005).

Se a colocação institucional aplicada a quem está em situação de risco pode contribuir para a protecção da vulnerabilidade da criança, poderá do mesmo modo, uma vez instituída, tornar-se erosiva em função da fragilização dos vínculos, determinada pelo prolongamento da separação familiar (Berger, 1998 cit. por Carneiro et al., 2005).

Assim, para Carneiro et al. (2005) a institucionalização está longe de representar a solução ideal enquanto resposta de responsabilidade social, dada a dificuldade das instituições para oferecer às crianças um lar próximo do familiar, ou mesmo uma figura de referência, de protecção e de vinculação, destacando uma grave lacuna com repercussões no desenvolvimento destas crianças. Existem diversas respostas possíveis, tais como famílias de adopção e de acolhimento, que deverão ser fomentadas como alternativas prévias à institucionalização, segundo o autor.

Impacto da rotura de vínculos afectivos

As relações significativas podem ser factores de protecção ou de risco, pois ora promovem o sentimento de segurança e a auto-estima e concorrem para o bem-estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento (Canavarro, 1999).

Segundo Ajuriaguerra & Marcelli (1991) o mundo do bebé apenas se organiza, em toda a sua complexidade, a partir de um eixo que referencia: a sua mãe; que detém uma importância reguladora no desenvolvimento e comportamento da criança, não por si só, mas igualmente pelas relações de afecto associadas (Carneiro et al., 2005).

A noção de privação ou carência de cuidados maternos não designa, somente, uma falta quantitativa de interacção mãe-criança, mas abrange igualmente uma insuficiência relacional qualitativa, ou seja, uma inadequada resposta parental às necessidades da criança.

A carência tanto pode ser intra-familiar como extra-familiar, ligada a um defeito de estimulações e afecto à mãe, à ausência de uma personagem materna apropriada ou a experiências de separação precoces e repetidas da criança com uma figura materna (Sá et al., 2004, p. 161).

As situações de negligência e vazio de vínculos afectivos vividas durante as primeiras idades de vida da criança, até ao momento em que precipitam a separação da família em prol de uma

institucionalização, representam um permanente ataque ao bom desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e comportamental na criança.

De acordo com estudos realizados por Zeanah, Smyke, Koga & Carlson (2005), no âmbito da vinculação e institucionalização, revelou-se evidente que a vinculação é um domínio de desenvolvimento severamente comprometido em crianças institucionalizadas. Neste sentido, os resultados obtidos num estudo comparativo, as crianças institucionalizadas, em estado crónico de privação, apresentavam substancialmente mais sinais de perturbação da vinculação, comparativamente a crianças em meio familiar (Zeanah et al., 2005). A maioria das crianças institucionalizadas mostraram uma falha na organização de um vínculo selectivo com um cuidador, e que quando existente ou perceptível exibia padrões de desenvolvimento anómalos ou incompletos.

Contudo, alguns autores sugerem que estas crianças conseguem organizar padrões de vinculação perante novos cuidadores (Stoval & Dozier, 2000 cit. por Zeanah et al., 2005), a par de um melhoramento dramático no ambiente, figurada pela correlação encontrada entre a duração da institucionalização e a presença de sinais de perturbação da vinculação (O'Connor & Rutter, 2000 cit. por Zeanah, 2005). Não obstante o padrão de vinculação organizado ser tendencialmente o de um padrão de vinculação insegura, facilmente destruído na sequência de separações (Cole & Cole, 2000; Stoval & Dozier, 2000 cit. por Zeanah et al., 2005).

“ A experiência precoce tem um significado especial, mas não pode ser mais importante do que a existência posterior, e a vida num ambiente em mudança deverá alterar a qualidade da adaptação da criança” (Sroufe, 1978, p. 56).

A criança com carências ao nível da primeira relação objectal não reconhece o valor afectivo ao objecto e ao outro, permanecendo «amputada» a sua capacidade de estabelecer ligações afectivas autênticas. Aparente dificuldade, é devido, em grande parte, à interpretação da separação como uma retirada de afeição (Bowlby, 1981).

O estudo empírico realizado com crianças institucionalizadas confirmou as hipóteses de que estas são mais prováveis de possuir relações de objecto internas negativas e de serem menos eficazes na gestão do stress e na manutenção de relações interpessoais saudáveis devido à má adaptação das expectativas internalizadas face às relações objectais (Goldblatt, 2003).

De acordo com outro estudo, instigado por Heon (2006), na avaliação de cinco dimensões das relações de objecto em crianças institucionalizadas sobressai a prevalência de valores muito baixos em cada uma das dimensões, que cotadas através do sistema SCORS, caracterizam o funcionamento das relações de objecto desta população como pobres e patológicas.

A institucionalização praticada durante os dois primeiros anos de vida parece ter efeitos duradouros no desenvolvimento das crianças, nomeadamente no desenvolvimento cognitivo e nas relações de vinculação (Vorria, Papaligoura & Sarafidou, 2006).

As dificuldades percebidas nestas crianças poderão dever-se a experiências precoces vividas nas instituições; devido ao facto das famílias biológicas destas crianças sofrerem, frequentemente, de problemas sociais e psiquiátricos sérios; ou mesmo face à dificuldade da criança em lidar com eventual possibilidade de adopção.

Na presente investigação, iremos abordar a qualidade da representação da Vinculação, e a qualidade da Relação objectal, esta mediante a análise de duas dimensões, num grupo de crianças que foram vítimas de maus-tratos em contexto intra-familiar, e se encontram institucionalizadas.

Tratando-se de uma população tão específica, pretendemos estabelecer a relação entre a qualidade (segurança) da vinculação nas crianças desta amostra, com a qualidade da relação de objecto existente, patente em dimensões como a tonalidade afectiva nas relações e a capacidade para investir emocionalmente em relações e na moral.

MÉTODO

Este estudo de carácter exploratório e correlacional examina a relação entre os modelos internos de vinculação e relações de objecto acedidas através de narrativas. Crianças institucionalizadas completaram as histórias do *Attachment Story Completion Task* (Bretherton & Ridgeway, 1990), proporcionando um conjunto de narrativas interpessoais que foram cotadas usando dois instrumentos: 1) o procedimento de Heller (2000) para avaliar os modelos internos de vinculação e 2) *The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data* (Westen, 1994) para avaliar as relações de objecto.

Participantes

A amostra foi constituída por 19 crianças portuguesas com idade pré-escolar (11 rapazes e 8 raparigas) institucionalizadas em três Centros de Acolhimento Temporário de Menores em Risco (pertencentes a uma mesma Associação) e um Lar de Infância e Juventude na zona de Lisboa, Loures e Oeiras. A idade dos participantes variou entre os 48 e os 96 meses ($M = 69,16$; $DP = 14,92$), a amostra foi escolhida por conveniência, de forma não aleatória, i.e., a amostra foi definida pelos recursos disponíveis na listagem de crianças acolhidas pelos CAT e Lar de infância e juventude.

Todas as crianças viviam em regime de internato em CAT's ou Lar, privadas do seu meio familiar na sequência da detecção de ocorrência de situações de: negligência, maus-tratos (físicos e/ou psicológicos), abandono e/ou suspeita de abusos sexuais. As famílias destas crianças designadas por “crianças em situação de risco” podem ser consideradas famílias com dinâmicas familiares desorganizadas, abandonicas ou maltratantes, com agregados numerosos, de fracos recursos socio-económicos (e.g., vivendo em situações de pobreza, grande precariedade de emprego, promiscuidade na habitação), culturais (baixo nível de escolaridade e ausência de formação profissional) e/ou psicológicos (e.g., marginalidade, toxicoddependência), para garantir um percurso de desenvolvimento normal.

A separação total destas crianças do seu meio familiar ocorreu em diferentes momentos do desenvolvimento (M= 49 meses de idade), tendo a institucionalização sido praticada entre os seus 24 meses e os 84 meses de idade.

Instrumentos

Attachment Story Completion Task, ASCT (Bretherton & Ridgeway, 1990)

Este instrumento é constituído por 5 histórias possíveis de serem finalizadas pelas crianças, recorrendo-se a pequenos bonecos de elementos de uma família tradicional e outros adereços simples, para avaliação dos modelos internos de vinculação das crianças.

Segundo Toth et al. (2000, p.280) o paradigma de finalização de narrativas foi eficazmente utilizado com crianças em pré-escolar de estatuto sócio-económico baixo, e vítimas de maus-tratos.

As questões levantadas nas histórias incompletas e iniciadas pelo experimentador, são (1) a figura de vinculação num papel autoritário (a história do sumo entornado), (2) a dor como desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (a história do joelho magoado), (3) o medo como um desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (história do monstro no quarto), (4) a ansiedade de separação e *coping* (a história da separação) e (5) as respostas ao regresso dos pais (a história do reencontro) (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Na aplicação do instrumento (Anexo A) foram utilizadas figuras representativas de uma família com pai, mãe, vizinha e duas crianças, um menino maior e um mais pequeno ou uma menina maior e outra mais pequena, utilizados de acordo com o género da criança (Bretherton & Ridgeway, 1990). São utilizados também outros adereços: uma mesa e quatro cadeiras; um bolo de aniversário; um conjunto de pequenos pratos e copos; uma peça de feltro verde para representar a relva (22,5 cm x 22,5 cm); uma pequena esponja artificial bege ou cinzenta, cortada de forma a parecer-se com uma rocha; camas e cobertores e um automóvel.

Foi inicialmente aplicada uma história quebra-gelo como forma de enquadramento na tarefa, que não foi cotada, representando uma festa de aniversário (do protagonista) na qual participavam todos os elementos da família, à excepção da vizinha.

É necessário o registo audiovisual da sessão de aplicação do instrumento durante a elaboração/dramatização das narrativas, de modo a que exista um suporte com informação sobre os comportamentos verbais e não verbais da criança, essencial para a análise das narrativas. Devem transcrever-se as narrativas dos sujeitos e as questões do experimentador, assim como, os movimentos das figuras da família, locais onde são colocados, como se situam uns em relação aos outros, anotando as componentes emocionais das reacções das crianças (agressividade, zanga, colocação suave das figuras, expressão facial triste ou feliz, tom e voz, postura). As respostas emocionais durante o desenrolar da história (sorriso, beicinho, franzir a testa) são também registadas (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Cotação de Coerência e Segurança do Modelo Interno de Vinculação segundo Heller

Cada uma das cinco histórias é cotada numa escala de 8 pontos para a *Coerência* da narrativa e a *Segurança* da vinculação e numa escala de 3 pontos para a *Resolução* (Heller, 2000).

No que diz respeito ao valor da Segurança, a cotação de cada história foi realizada numa escala de 1 a 8, sendo o 1 “Desorganizado”, o 2 “Severamente Inseguro Evitante/Ambivalente”, o 3 “Muito Inseguro Evitante/Ambivalente”, o 4 “Inseguro”, o 5 “Pouco Seguro Evitante/Ambivalente”, o 6 “Algo Seguro”, o 7 “Seguro” e, por fim o 8 “Muito Seguro”.

A cotação de cada história referente à Coerência foi realizada tendo por base uma escala de 1 a 8, respectivamente o 1 “Extremamente Incoerente”, o 2 “Muitíssimo Incoerente”, o 3 “Muito Incoerente”, o 4 “Incoerente”, o 5 “Algo Incoerente”, o 6 “Algo Incoerente”, o 7 “Coerente” e o 8 “Muito Coerente”.

Relativamente ao valor da Resolução da história, cada história foi cotada numa escala de 1 a 3, a história “Sem Resolução” com valor 1, a com “Resolução Mínima” com valor 2 e a com “Resolução Completa” com valor 3. Todas as histórias foram cotadas por um investigador treinado, independente da recolha de dados, e desconhecedor de outras informações relativas às crianças.

Considerando a Coerência, quando uma história se apresenta completa, consistente e uniforme, com momentos de hesitação pouco evidentes, e sem divagações inapropriadas, é atribuída uma pontuação de 6. Contrariamente, para as histórias que não apresentam resolução

ou esta se figura como bizarra, sem fio condutor ou lógica, é atribuída uma cotação igual ou inferior a 4.

Relativamente à Segurança, este é o parâmetro mais abrangente que inclui, não só a Coerência como também, os comportamentos não verbais, as representações parentais, o investimento na performance, a fluência, a expressividade e o conhecimento emocional, bem como a interacção com o entrevistador. A escala da Resolução é integrada na análise e cotação do parâmetro da Segurança e da Coerência (consoante se: não existe resolução (1), existe resolução mínima (2) ou se existe uma resolução completa do problema central e secundário (3)). Contudo, para este estudo, a cotação do parâmetro Resolução foi apenas contemplada na perspectiva de auxiliar na cotação dos parâmetros de Coerência e Segurança, sem ter sido integrada na análise estatística.

As classificações obtidas relativas à vinculação serão abordadas em termos de um continuum de segurança (desde desorganizado e severamente insegura até muito segura) de forma a possibilitar a comparação da qualidade da vinculação ao longo de uma maior variedade de contextos (Cummings, E. M., 1990).

Na aplicação os adereços são colocados de acordo com o procedimento original, é dado um nome, escolhido pela criança, para cada um deles (excepto os bonecos identificados no início). Depois do término de cada história, é pedido à criança para colocar as figuras das famílias e os adereços num dos lados da mesa dizendo: “Podes prepará-los para a próxima história?”. Para iniciar a história seguinte, o experimentador disse algo como: “Tenho uma ideia para outra história” ou “Estás pronto para uma história diferente?”

Em cada história, o experimentador questiona a criança acerca do tema em questão, sempre que a criança não o fez espontaneamente: “O que é que fizeram acerca do sumo entornado?” ou “O que é que fizeram em relação ao monstro?”, ou quando a criança dá apenas uma resposta: “Mais alguma coisa?”, “O que mais?” ou “E depois?”. Se a criança age com as figuras em acções ambíguas, o experimentador pergunta: “O que estão a fazer?”, e se a criança usa um pronome ambíguo enquanto fala acerca das figuras, pergunta: “Quem estava a fazer isso?”. O experimentador também pode repetir a frase da criança em forma de pergunta, para verificar o que foi dito (“A mãe entornou o sumo? E depois?”). Nos momentos em que a criança pergunta onde está a vizinha, o experimentador responde: “A vizinha não entra nesta

história, vamos buscá-la para outra história mais tarde”. Notar que as questões são formuladas de forma a não sugerir ideias precisas à criança.

Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI (Adaptação Espanhola realizada pelo Departamento I+D de TEA Edições, Madrid, 1996)

De modo a controlar os possíveis efeitos do vocabulário e capacidade verbal geral nas crianças foi utilizada a Escala Verbal WPPSI. A WPPSI é um prolongamento da WISC e, ao mesmo tempo, é a escala independente que surge com o objectivo de controlar os problemas psicométricos apresentados por avaliações realizadas a crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 7 $\frac{1}{2}$ de idade.

A escala original consta de 11 provas, sendo 6 verbais e 5 manipulativas. Uma vez que o uso desta escala, neste estudo, se prende com o objectivo de avaliar a capacidade verbal das crianças, para alcançar a pontuação verbal consideram-se apenas 5 das 6 provas verbais, excluindo a prova que se designa de Frases da aplicação e cotação. As provas verbais aplicadas e cotáveis são: a Prova de Informação, a Prova de Vocabulário, a Prova de Aritmética, a Prova das Semelhanças e a Prova de Compreensão.

Não existindo uma adaptação portuguesa da escala, utilizou-se uma tradução realizada a partir da adaptação espanhola da WPPSI efectuada e fornecida por investigadores do departamento de investigação de Desenvolvimento Emocional do ISPA (Anexo B).

As provas foram aplicadas individualmente, sendo os itens lidos à criança pelo experimentador que assinala, no momento e nas folhas de registo as respostas que vão sendo dadas. Apenas a prova de Aritmética tem, a partir do item 6, tempo limite para a criança dar resposta.

The Social Cognition and Object Relations Scale for Interview and Narrative Data (SCORS; Westen et al., 1990)

Westen et al. (1990) desenvolveu a escala SCORS-Q, a qual foi posteriormente melhorada por diversos investigadores para SCORS-G – método de cotação global (Hilsenroth, Stein & Pinsker, 2004) com o propósito de medir distintos aspectos das diferenças individuais ao nível da cognição social e relações de objecto a partir de narrativas (como por exemplo de

entrevistas, sessões de psicoterapia, e descrições de memórias precoces). O SCORS-G demonstrou, segundo vários estudos, fiabilidade e utilidade clínica no acesso a narrativas relacionais contadas no contexto de acesso psicológico e psicoterapêutico, bem como em memórias precoces e sonhos. (Hilsenroth & Pinsker, 2004).

Esta escala pretende aceder a representações mentais, nomeadamente a 4 dimensões das relações de objecto e da cognição social: Complexidade das representações de pessoas (Complexity of representations of people), Tonalidade afectiva das relações (Affect-tone of relationship paradigms), Capacidade para investir emocionalmente em relações e padrões morais (Capacity for emotional investment in relationships and moral standards), Compreensão da causalidade social (Understanding social causality) (Westen et al., 1990). Apesar destas dimensões estarem conceptualmente relacionadas, podem ser medidas independentemente umas das outras uma vez que se tratam de distintos aspectos das relações de objecto e da cognição social (Westen et al., 1990).

Tendo por base os estudos instigados por Westen nos quais o SCORS era aplicado às narrativas do TAT, aplicou-se, no presente estudo, este sistema a um outro modelo de narrativas, indicado para crianças, o Attachment Story Completion Task (ASCT).

No corrente estudo as narrativas obtidas através da aplicação do ASCT, foram cotadas para duas dimensões do SCORS: Affect-tone of Relationship Paradigms (Tonalidade afectiva das relações) e Capacity for Emotional Investment in Relationships and Moral Standards (Capacidade para investir emocionalmente em relações e padrões morais).

Para o presente estudo houve a necessidade de proceder à tradução e treino do sistema de cotação proposto por Westen et al. (1990). Cada uma das 5 narrativas foi cotada numa escala de 5 níveis, para cada dimensão, de acordo com um detalhado manual de critérios de cotação para cada nível de cada sub-escala (Westen et al., 1990), que inclui determinados procedimentos de treino de forma a estabelecer a fiabilidade da cotação.

A medida de *Affect-tone of relationship paradigms* pretende aceder à extensão em que a pessoa espera que as relações sejam: destrutivas e ameaçadoras ou seguras e enriquecedoras. De uma perspectiva psicanalítica, esta dimensão pode ser conceptualizada como a coloração afectiva do “mundo objectal”; e de uma perspectiva sócio-cognitiva, esta refere-se à qualidade

afectiva das expectativas interpessoais. Cotações baixas reflectem expectativas malevolentes das relações, enquanto cotações elevadas reflectem um misto de representações com predominância de uma experiência positiva acerca das interacções interpessoais.

A medida de *Capacity for emotional investment in relationships and moral standards* foi concebida para aceder à extensão em que a pessoa transcende a orientação para a necessidade de gratificação narcísica nas relações e nas regras que regulam as emoções, e é capaz de investir em pessoas, valores e ideias que proporcionam um significado à vida.

Cotação

As duas dimensões utilizadas já descritas incluem os seguintes níveis de cotação:

1. Affect-tone of Relationship Paradigms (1 = as descrições de pessoas e de relações são acima de tudo malevolentes, existe violência gratuita ou negligência grosseira por outros significativos; 2 = experiência as relações como hostis, vazias, distantes e/ou desagradáveis, contudo não são ameaçadoras, 3 = representações mistas com tom afectivo mediamente negativo; 4 = expectativas das relações afectivamente mistas, sendo primeiramente positivas, 5 = representações predominantemente positivas, interacções positivas, benignas e enriquecedoras) (Anexo C).

— 1 ————— 2 ————— 3 ————— 4 ————— 5 —

2. Capacity for Emotional Investment in Relationships and Moral Standards (1 = a preocupação central é a necessidade de gratificação, profunda auto-preocupação, as regras e autoridades são tidas como obstáculos; 2 = reconhecimento das diferenças interpessoais, as relações consistem em actividades partilhadas, imposições morais rígidas e rudimentares; 3 = as relações, o amor e o cuidado são convencionais, investimento em valores morais ou regras sociais, tais como a vivência do sentimento de culpa quando pensamentos, sentimentos ou acções entram em conflito com padrões internalizados; 4 = demonstra capacidade para formar relações profundas e de compromisso, julgamentos morais convencionais; 5 = o sujeito trata os outros como fins e não como meios, há envolvimento real com os outros, as autoridades e regras não são entendidas como absolutas, há entendimento de que estas devem, por vezes, ser ultrapassadas).

— 1 ————— 2 ————— 3 ————— 4 ————— 5 —

Espera-se que as escolhas lexicais utilizadas nas narrativas do ASCT representem um meio de confiança válido para aceder à qualidade das relações de objecto, particularmente aos aspectos inconscientes ou pré-conscientes dessas representações, mediante a aplicação da cotação do SCORS.

Foram realizados estudos que mostram a aplicabilidade do Scors a variadas populações, no acesso às relações de objecto. Este método de análise foi utilizado em crianças na infância, em idade escolar (Westen et al., 1991) e em estatuto de institucionalização, com história de maus-tratos (Goldblatt, 2003; Heon, 2006).

Procedimento

Foi estabelecido o contacto com a Instituição “Crescer Ser” - Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família, bem como com o Lar Escola António Luís de Oliveira, através de uma entrevista, previamente marcada pelo telefone, com os seus respectivos Directores, na qual constou uma breve apresentação escrita da presente investigação e onde era solicitada a colaboração das Instituições no sentido de permitir a participação das crianças acolhidas nos Centros de Acolhimento Temporário e Lar para Infância e Jovens (crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 7 anos) no estudo proposto.

Após ter sido concedida a autorização pelos respectivos Directores das Instituições, foi realizada uma reunião com os responsáveis de cada um dos três CAT abrangidos pelo estudo, escolhidos mediante os pré-requisitos necessários, bem como com a directora técnica do Lar para Infância e Jovens, reuniões nas quais foram transmitidas as condições inerentes à investigação e distribuídos um exemplar do protocolo de aplicação do Attachment Story Completion Task.

A calendarização de recolha de dados ajustou-se ao ritmo de funcionamento das instituições, sendo que esta recolha concretizou-se em dois momentos, utilizando para o efeito uma sala disponível.

Recolha dos dados relativos aos Modelos Internos, com o Attachment Story Completion Task (Bretherton & Ridgeway, 1990)

O instrumento foi aplicado numa sala disponível nos Centros de Acolhimento e Lar de infância e juventude, com a criança e o experimentador sentados frente a frente. As crianças foram filmadas enquanto completavam a história iniciada pelo experimentador de forma a registar os seus comportamentos verbais e não verbais, bem como a disposição dos bonecos, para posterior transcrição pormenorizada da situação.

A transcrição verbal e comportamental das narrativas dos sujeitos foi realizada pelos dois investigadores envolvidos na recolha dos dados, uma vez que o visionamento dos vídeos, segundo o acordo estabelecido com os Directores dos CAT e Lar com vista a proteger o anonimato das crianças envolvidas, apenas poderia ser realizado pelos investigadores directamente envolvidos, e no estabelecimento onde fora recolhido.

A cotação das narrativas foi realizada por um investigador independente dos investigadores que realizaram as transcrições. No entanto, os critérios de cotação do Attachment Story Completion Task de Bretherton e Ridgeway (1990) foram alterados com base nas adaptações realizadas por Heller (2000). Neste sentido, a cotação das narrativas foi efectuada tendo por base parte do manual de cotação das narrativas (Segurança e Coerência das narrativas) de Heller (2000), que constitui uma aproximação a vários modelos de cotação previamente existentes.

As classificações obtidas relativas à vinculação serão posteriormente abordadas em termos de um continuum de segurança (desde desorganizado e severamente insegura até muito segura) de forma a possibilitar a comparação da qualidade da vinculação ao longo de uma maior variedade de contextos (Cummings, E. M., 1990).

Para aceder à média das correlações inter-observadores das histórias foram seleccionados cinco sujeitos (25 narrativas) que foram cotados independentemente por outro investigador, sendo obtido um $k = .80$. Posteriormente à cotação das narrativas de cada criança, o observador colocou as suas cotações numa tabela de Excel para se poder realizar o tratamento estatístico dos dados.

Recolha dos dados relativos às relações de objecto, com a cotação das narrativas mediante o SCORS

Com base nas transcrições obtidas na sequência da aplicação do protocolo do ASCT foi realizada uma cotação, segundo 5 níveis, para duas dimensões de relação de objecto e cognição social. Foi seguido um manual de treino que dispõe os critérios de cotação de quatro dimensões de relação de objecto e cognição social.

De acordo com o método de aprendizagem patente no manual, os cotadores familiarizaram-se com o enquadramento teórico da medida descrita na primeira secção do manual. Seguiu-se uma leitura cuidada e repetida das regras de cotação referentes a cada dimensão, e a cotação do primeiro protocolo prático (existente no manual). Com a cotação realizada o cotador ajustou esta mesma de acordo com as respostas modelo e respectiva cotação. Após este treino individual, os dois cotadores reuniram-se no sentido de discutir as cotações do primeiro protocolo prático e as diferenças entre as cotações atribuídas.

Seguiu-se o mesmo procedimento aquando a cotação dos protocolos práticos 2 e 3. No sentido de resolver discrepâncias, os cotadores encontraram-se para discutir cada resposta de forma a chegar a um consenso quanto à cotação, revendo o enquadramento teórico e as regras de cotação. Cada cotador cotou uma escala de cada vez, separadamente.

Finalmente, cada cotador cotou independentemente as narrativas de seis crianças (30 narrativas) e inseriram-se as cotações no computador de forma a obter a fiabilidade inter-cotador, utilizando o coeficiente de correlação *intra-class*. Deste modo, depois de se ter obtido uma fiabilidade aceitável inter-cotador ($r \geq .80$) / ($ICC \geq .80$) para a dimensão da tonalidade afectiva nas relações, apenas um observador cotou as restantes narrativas segundo a SCORS. Os resultados foram inseridos numa tabela Excel para se proceder à posterior análise estatística dos dados com o programa SPSS.

Nesta fase, apenas foi possível alcançar concordância ao nível da escala da tonalidade afectiva. No que diz respeito à escala da capacidade para investir emocionalmente nas relações e na moral houve discordância e cotações díspares entre os cotadores, impedindo um acordo. Pelo que se optou, depois na fase de treino, por não incluir esta escala na análise estatística, concluindo que não reuniu as condições de fiabilidade.

Subjacente à dificuldade em alcançar um consenso quanto às cotações poderá estar relacionado o facto de esta ser uma dimensão marcada por um processo maturacional que permite evoluir de um padrão de relações de auto-satisfação (narcisista) até um de relações de objecto maduras (Westen, 1991), podendo o estágio de desenvolvimento dos participantes, neste estudo, não ser o mais adequado para avaliar esta dimensão em particular.

O que parece não acontecer com a dimensão da tonalidade afectiva, como verificado num estudo longitudinal realizado por Westen et al. (1991), onde não aparece como uma dimensão que progride a par da trajectória desenvolvimental, de malevolente para benevolente.

Recolha de dados relativos ao QI Verbal, através da Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI (Adaptação Espanhola realizada pelo Departamento I+D de TEA Edições, Madrid, 1996).

O processo de recolha dos dados relativos ao QI verbal foi realizado pela aplicação das provas do WPPSI, num dia posterior ao qual ocorreu a aplicação do ASCT. As provas que foram aplicadas foram pela seguinte ordem: Prova de Informação, Prova de Vocabulário, Prova de Aritmética, Prova de Semelhanças e Prova de Compreensão. As provas foram passadas individualmente e a sua aplicação demorou, de um modo geral, entre 30 a 45 minutos.

Não foi possível recolher os dados relativos ao QI Verbal de quatro participantes. A impossibilidade relacionada com dois dos sujeitos prende-se com o facto de já não se encontrarem no Centro de Acolhimento na altura da recolha, devido a uma alteração da medida judicial, e os dois outros sujeitos na situação em que se procedeu à aplicação das escalas da WPPSI recusaram-se a responder.

RESULTADOS

De seguida são apresentados os principais resultados para cada um dos instrumentos em análise.

Coerência e Segurança do Modelo Interno

As médias de cada história para a Coerência oscilaram entre 3,61 (DP=1,38), para a história da Separação, e 4,23 (DP=1,03), para a história do Monstro no Quarto. No que se refere à Segurança as médias variaram entre 3,64 (DP=1,36) e 4,38 (DP=1,30), para as mesmas histórias.

Tabela 2 – Distribuição de médias e desvios-padrão (SD) das histórias para os valores da Coerência e Segurança

Histórias	Coerência		Segurança	
	M	DP	M	DP
Sumo Entornado	4,03	1,44	4,24	1,31
Joelho Magoado	3,87	1,37	3,96	1,41
Monstro no Quarto	4,23	1,03	4,38	1,30
Separação	3,61	1,38	3,64	1,36
Reunião	3,71	1,51	3,79	1,63

Nota: Anexo D

Fidelidade e Consistência Interna para os Valores da Segurança e Coerência

No que diz respeito à cotação das narrativas pelos investigadores independentes encontramos um bom valor para o acordo inter-observadores, nomeadamente para o valor da Segurança ($k = ,80$) e da Coerência ($k = ,80$).

De forma a compreendermos como se relacionam as diferentes histórias, realizou-se também uma série de correlações de Pearson para os valores de Coerência e de Segurança de cada história entre sujeitos.

Tabela 3 – Correlações para os valores de Segurança para as 5 histórias

Histórias	Joelho Magoado	Monstro	Separação	Reencontro
Sumo Entornado	,773**	,487*	,715**	,525*
Joelho Magoado		,566**	,833**	,782**
Monstro			,635**	,377
Separação				,654**

Nota: Anexo E

**Correlação significativa para $p < 0.01$ (1-tailed).

*Correlação significativa para $p < 0.05$ (1-tailed)

Relativamente ao valor da Segurança foram encontradas correlações positivas e significativas para todas as histórias à excepção da correlação entre a história do Monstro no Quarto e a história do Reencontro, que se apresentou como marginalmente significativa ($r = .38$, $p = .052$).

Tabela 4 – Correlações para os valores da Coerência para as 5 histórias

Histórias	Joelho Magoado	Monstro	Separação	Reencontro
Sumo Entornado	,844**	,406*	,794**	,581*
Joelho Magoado		,532**	,865**	,784**
Monstro			,568**	,384
Separação				,755**

Nota: Anexo E

**Correlação significativa para $p < 0.01$ (1-tailed).

* Correlação significativa para $p < 0.05$ (1-tailed)

No que diz respeito à cotação das narrativas para o valor da Coerência, foram igualmente encontradas correlações positivas e significativas entre todas as histórias, excepto entre a história do Monstro no Quarto e a história do Reencontro, que apresentaram uma correlação marginal entre si ($r = .38$, $p = .056$).

Foi também analisada a consistência interna para os valores da Coerência e Segurança, por meio do coeficiente de alfa de Cronbach, verificando o grau de homogeneidade entre as histórias para esses valores. As duas escalas usadas, Coerência e Segurança, apresentaram ótima consistência interna, com valores para o coeficiente alfa de Cronbach elevados, respectivamente, $\alpha = .90$ e $\alpha = 0.89$ (Anexo F).

Relação entre Coerência, Segurança, Género e QI Verbal

Tabela 5 – Distribuição das médias e desvios-padrão para os valores de Coerência e Segurança relativamente ao género, e valores de T de Student

	Sexo	N	Média	DP	T de student	Sig.
Coerência	Feminino	8	4,456	,434	2,231	0,044
	Masculino	11	3,482	1,353		
Segurança	Feminino	8	4,680	,410	2,56	0,023
	Masculino	11	3,760	1,09		

Nota: Anexo G

Foram encontradas diferenças significativas quanto ao género nas avaliações de Coerência e Segurança. A tabela 3 salienta a diferença em função do género para os valores de Coerência e Segurança, verificando-se valores mais elevados, de cerca de 1 valor, para crianças do sexo feminino.

No sentido de controlar os possíveis efeitos devido às diferentes capacidades linguísticas, realizou-se uma correlação de Pearson entre os valores de QI Verbal, obtido através da WPPSI, e os valores de Coerência e Segurança, mostrando não haver correlações significativas.

Cálculo da Variável “Qualidade da Vinculação” através da Segurança e Coerência

Foi calculada a média de todas as histórias para o respectivo valor da Coerência e da Segurança com o propósito de se obter um valor único para cada um deles. As correlações entre os valores totais demonstraram a existência de uma correlação positiva e muito

significativa entre Coerência e Segurança ($r = .98, p < .01$), permitindo o agrupamento destas duas escalas numa única dimensão: “Qualidade da Vinculação”.

SCORS

As médias de cada história para a Tonalidade Afectiva oscilaram entre 2,10 (DP= .77) para a tonalidade afectiva da história da Separação, e 2,68 (DP= .73) para a tonalidade afectiva da história do Monstro no Quarto.

Tabela 6 - Distribuição de médias e desvios-padrão (SD) da dimensão Tonalidade Afectiva das relações das 5 narrativas, obtido no SCORS

Histórias	Tonalidade Afectiva	
	M	DP
Sumo Entornado	2,50	0,73
Joelho Magoado	2,34	0,88
Monstro no Quarto	2,68	0,73
Separação	2,10	0,77
Reunião	2,34	0,99

Nota: Anexo H

Utilizou-se a correlação de Spearman para apurar a correlação da tonalidade afectiva das relações entre narrativas, dado que a distribuição dos valores acusou não ser normal.

Tabela 7 – Correlações para o valor da Tonalidade Afetiva das relações obtido no SCORS para as 5 histórias

Histórias	Sumo Entornado	Joelho Magoado	Monstro	Separação	Reencontro
Sumo Entornado		,518*	,254	,621**	,392*
Joelho Magoado			,087	,794**	,478*
Monstro				,308	,097
Separação					,569**
Reencontro					

Nota: Anexo I

**Correlação significativa para $p < 0.01$ (1-tailed).

* Correlação significativa para $p < 0.05$ (1-tailed)

Os coeficientes de correlação que aparecem na tabela 4, oscilam entre ,087, sem correlação, e ,794 sendo uma correlação forte e significativa. A tonalidade afetiva da história do Monstro não mostrou qualquer correlação significativa com nenhuma das restantes narrativas.

Deste modo, não foi possível o agrupamento da tonalidade afetiva das 5 histórias num único valor médio de tonalidade afetiva, pelo que as cotações do SCORS das narrativas foram utilizadas separadamente.

Relação entre a tonalidade afetiva, Género e QI Verbal

Tabela 8 – Correlações entre a Tonalidade Afetiva das 5 histórias e o QI Verbal

Histórias	WPPSI
Sumo Entornado	-,039
Joelho Magoado	-,115
Monstro	,509*
Separação	,258
Reencontro	-,044

Nota: Anexo I

* Correlação significativa para $p < 0.05$ (1-tailed)

Não foi encontrada nenhuma relação entre a tonalidade afectiva de 4 narrativas – histórias do SE, JM, S e R – e o QI Verbal, com excepção da história do Monstro, onde predominou uma correlação significativa positiva moderada, verificando-se a influência da capacidade verbal na produção desta narrativa no que concerne à tonalidade afectiva. Isto é, crianças com mais QI verbal produziram narrativas com uma melhor tonalidade afectiva na história do monstro, mas os efeitos do QI verbal não foram significativos para a tonalidade afectiva das outras histórias.

Tabela 9 – Distribuição das médias e desvios-padrão para a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas relativamente ao género, e valores de T de Student

Tonalidade Afectiva	Sexo	N	Média	DP	T de student	Sig.
Sumo Entornado	Feminino	8	2,500	,469	,000	,067
	Masculino	11	2,500	,894		
Joelho Magoado	Feminino	8	2,437	,904	,392	,775
	Masculino	11	2,272	,904		
Monstro no Quarto	Feminino	8	2,563	,821	-,590	,331
	Masculino	11	2,772	,684		
Separação	Feminino	8	2	,845	-,485	,484
	Masculino	11	2,181	,751		
Reencontro	Feminino	8	2,625	,744	1,141	,066
	Masculino	11	2,136	1,120		

Nota: Anexo J

De acordo com a tabela 5, é possível constatar que não existem diferenças entre o género no que diz respeito à tonalidade afectiva das 5 narrativas.

Tabela 10 – Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Idade

Tonalidade Afectiva	Idade
Sumo Entornado	,156
Joelho Magoado	-,186
Monstro	,318
Separação	,136
Reencontro	,013

Nota: Anexo K
 **p<0.01 / * p<0.05

Não foi encontrada correlação entre a tonalidade afectiva das 5 narrativas e a idade, reforçando a ideia de que esta dimensão da relação de objecto não é desenvolvimental, mantendo-se relativamente estável ao longo do processo maturacional do indivíduo.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Qualidade da Vinculação

Para examinar a relação entre a dimensão Tonalidade Afectiva da relação de objecto e a qualidade da vinculação, utilizou-se uma análise correlacional. As correlações entre a dimensão da relação objectal – tonalidade afectiva das relações – e a qualidade das representações de vinculação (modelo interno) acedida, em ambos os instrumentos, através das narrativas ASCT apresentam-se na Tabela 7.

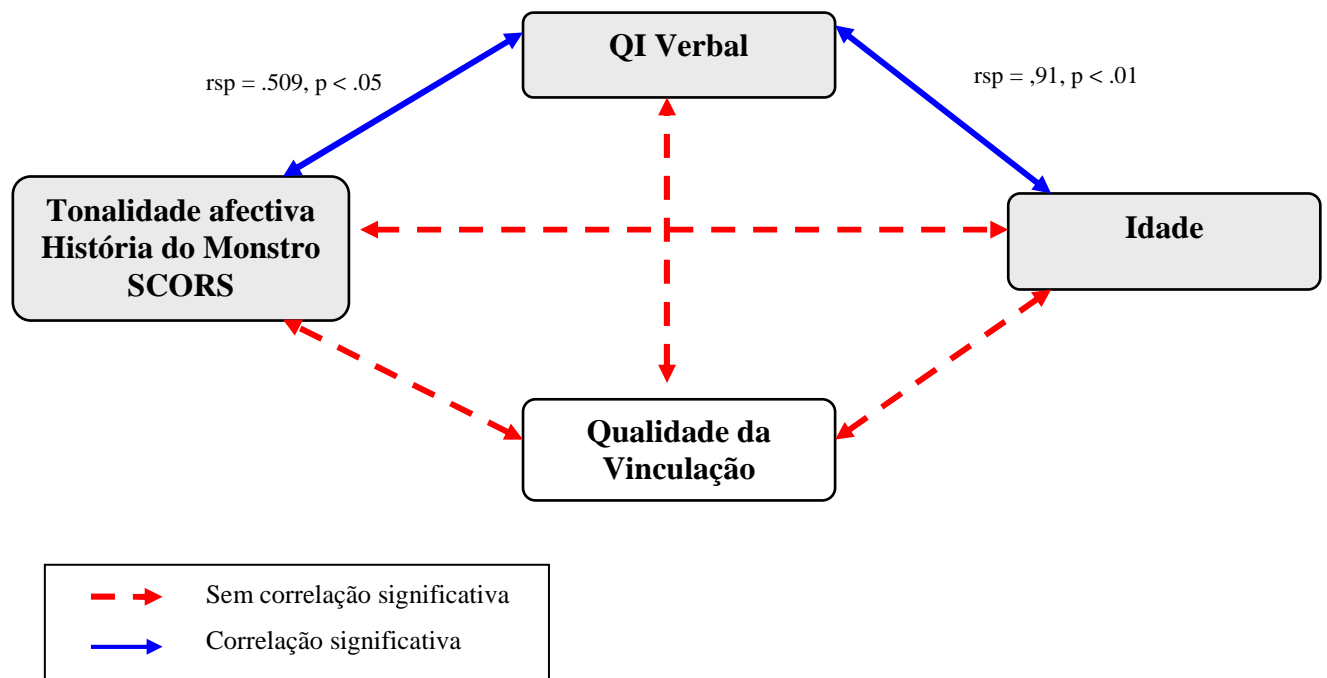
Tabela 11 – Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Qualidade da Vinculação

Tonalidade Afectiva	Qualidade da Vinculação
Sumo Entornado	,614**
Joelho Magoado	,626**
Monstro no Quarto	,252
Separação	,567**
Reencontro	,549**

Nota: Anexo L
 **p<0.01 / * p<0.0

A vinculação demonstra correlações significativas positivas com a tonalidade afectiva de todas as narrativas, excepto para a narrativa do Monstro ($r = .252$, $p = .149$), confirmando parcialmente a nossa hipótese.

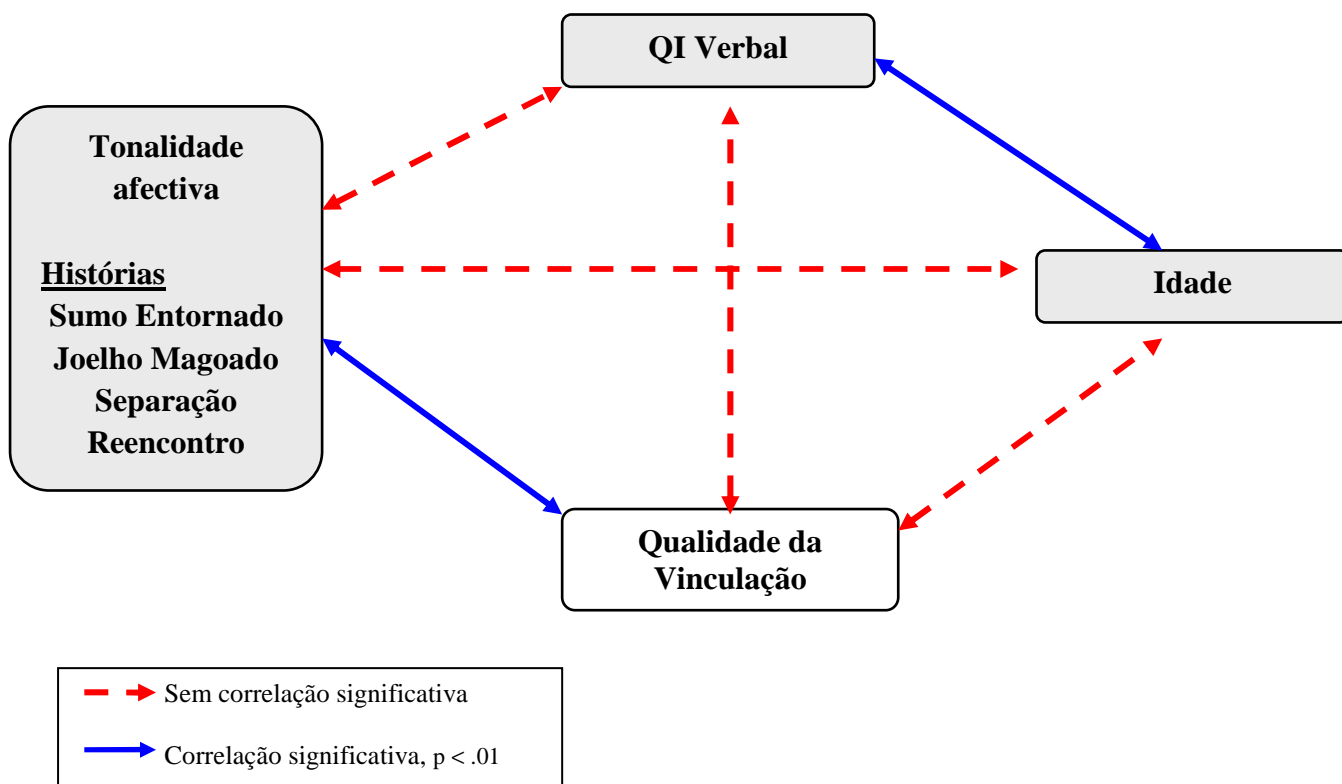
Figura 1 – Correlações da Tonalidade Afectiva da história do Monstro com a Idade, QI Verbal e Vinculação



Focando a nossa atenção na dinâmica nas relações da tonalidade afectiva da história do Monstro e restantes variáveis, traduzida pela figura 1, pode-se dizer que esta apresenta uma correlação para um bom nível de significação estatística com a capacidade verbal e com a idade, mas que contudo não aparece relacionada com a vinculação, nem a vinculação aparece correlacionada com o QI Verbal.

Este resultado sugere que um crescente domínio verbal possibilita uma tonalidade mais positiva, uma melhor gestão de temáticas relacionadas com o medo, como patente na história do monstro, que contudo, não se relacionam com a qualidade da vinculação.

Figura 2 – Correlações da Tonalidade Afectiva das histórias do Sumo entornado, Joelho Magoado, da Separação e do Reencontro com a Idade, QI Verbal e Vinculação



Ao correlacionar a tonalidade afectiva das 4 narrativas com as diferentes variáveis, representadas na figura 2, atesta-se uma relação entre a dimensão da relação de objecto das 4 narrativas com a qualidade da vinculação. Relação esta que vai ao encontro da hipótese formulada para este estudo.

Para a tonalidade afectiva destas 4 narrativas não mostrou haver correlação com a capacidade linguística nem com a idade. Não obstante, a idade e o QI verbal estão relacionadas entre si, sem estarem com a qualidade da vinculação.

DISCUSSÃO

O presente trabalho tinha como principal objectivo explorar a relação entre a qualidade do modelo interno e a qualidade da relação de objecto em crianças institucionalizadas, durante o período pré-escolar.

Os resultados obtidos confirmaram parcialmente a nossa hipótese, dado que a dimensão da relação de objecto medida neste estudo (SCORS), a tonalidade afectiva das relações nas narrativas, está positivamente correlacionada com a qualidade da representação da vinculação em todas as histórias do ASCT à excepção de uma (a história do mostro no quarto), e com o QI verbal apenas na história do monstro no quarto.

As investigações realizadas no âmbito das Teorias da Vinculação (Bowlby, 1973-1988); Bretherton et al., 1990) e das Relações de Objecto (Westen et al., 1990) preconizam a importância dos relacionamentos precoces no posterior desenvolvimento socio-emocional, mediante a qualidade dos modelos internos, dos traços afectivos e expectativas interpessoais.

De acordo com os dados alcançados, as cinco narrativas do Attachment Story Completion (Bretherton & Ridgeway, 1990) relacionam-se significativamente e positivamente entre si, quanto aos valores de Coerência e Segurança, apesar das narrativas da História do monstro e do reencontro apresentarem uma correlação marginal entre si, este instrumento mostrou-se válido e adequado para a avaliação dos modelos internos de vinculação da amostra em estudo.

Decorrente da análise das correlações realizadas, verificou-se uma correlação fortemente positiva e significativa entre o valor de Segurança e Coerência, atendendo que as histórias cotadas como seguras apresentavam coerência, e as histórias cotadas como inseguras evocavam um discurso incoerente.

No que diz respeito às correlações dos valores de Coerência e Segurança, verificou-se a prevalência de correlações fortes e significativas entre todas as narrativas, com excepção à correlação marginalmente significativa entre a história do Monstro no quarto e a do Reencontro.

Para o valor Coerência, verificou-se a existência de uma correlação muito forte entre a história do Joelho Magoado e a história da Separação, indicando que surgem valores idênticos de coerência nas histórias em que a figura de vinculação surge em resposta à dor e à ansiedade de separação da criança.

Para o valor Segurança, as correlações mais elevadas predominaram entre a história do Joelho Magoado e as histórias do Sumo entornado ($r = .844$) e da Separação ($r = .865$), pressupondo a prevalência de valores idênticos de Segurança nas histórias mencionadas.

Ainda relativamente aos valores da Coerência e Segurança, destaca-se a história da Separação e do Reencontro como sendo as que apresentaram os valores mais baixos, ou seja, a situação em que a figura de vinculação surge em resposta à ansiedade de separação, e ao comportamento de *coping* da criança, foi a que desencadeou menos comportamentos de uma relação de vinculação segura.

De acordo com Bretherton (2002), as narrativas das crianças no ASCT parecem restabelecer o que estas experienciam com as suas figuras parentais na relação de vinculação, pelo que subjacente à explicação dos valores encontrados para a história da Separação e do Reencontro poderá estar a analogia entre o conteúdo inicial da história e os eventos e experiências reais de vida destas crianças, potencialmente traumáticos (como por exemplo situações de separação face à institucionalização).

Diante da dificuldade da maioria das crianças em permanecer organizada face a uma história presumivelmente autobiográfica de vivências traumatizantes destaca-se a falha de eficácia dos mecanismos de defesa dos sujeitos, que não escapa ao reconhecimento das dificuldades efectivas das dinâmicas familiares.

As narrativas, na sua generalidade, caracterizaram-se por uma incorência discursiva bem como pela quase ausência de elementos de segurança na resolução dos problemas evocados em cada história. Considerando as médias obtidas para cada história para os valores de Coerência e Segurança, numa escala de 1 a 8, pode-se verificar a prevalência de representações da vinculação inseguras nesta amostra.

Apesar do parâmetro Resolução não ter sido parte integrante da análise estatística, foi evidente o teor narrativo das histórias como caracteristicamente caóticas, com tendência para incluir acções violentas com ferimentos, agressões ou morte dos personagens, permanecendo situações perigosas por resolver no final da história (e.g.: referindo-se ao pai diz: “*Vai fazer mal ao filho, sabes porquê? Porque ele é muito mau, está sempre a lutar com o filho e depois com o outro filho (...) depois o filho estava morto, porque paz, cortou-lhe a cabeça*”; excerto de outra criança: “*Puuuum! Explodia o carro.*” Entrevistador: E a família? Criança: “*Morreu toda*”).

Assim, subjacente às respostas da maioria das crianças pareceu estar patente uma dificuldade em permanecerem organizadas aquando descrições de separações e outras situações de vinculação, como se verificou no estudo de Oppenheim e Waters (1995) com crianças classificadas igualmente como inseguras.

Estes resultados vão ao encontro de resultados obtidos noutras investigações (Toth et al., 2000), confirmando que amostras de sujeitos vítimas de maus-tratos, e neste caso em circunstância de institucionalização, tendem a desenvolver modelos internos dinâmicos negativos, caracterizados por expectativas do self como sendo não merecedor de cuidados, e dos outros como indisponíveis para proporcionarem cuidado e protecção.

Não foram encontradas correlações significativas entre os valores do QI verbal e os valores de Coerência e Segurança das Histórias, significando que foi possível o controlo dos eventuais efeitos da capacidade semântica na avaliação dos modelos internos das crianças.

Analisou-se a qualidade da tonalidade afectiva das relações verificando-se a presença de representações maioritariamente negativas, expectativas das relações interpessoais enquanto hostis, caprichosas, vazias ou distantes, denotando um sentimento face aos outros como desagradáveis e abandonadas. Como se pode verificar pelas médias, na tabela 6, estas prevaleceram entre valores relativamente baixos (2,10 e 2,68), segundo uma escala de 5 níveis, reflectindo uma expectativa maioritariamente malevolente das relações.

Os resultados obtidos remetem para uma correlação forte e significativa da tonalidade afectiva das 4 narrativas entre si com a excepção da tonalidade afectiva da narrativa da história do Monstro no Quarto. Na qual, prevalece uma relação positiva e significativa com o QI verbal,

pressupondo que as crianças com mais capacidade verbal tiveram mais facilidade, face à temática do medo, para manter um discurso mais organizado, com representações das relações mais positivas e benevolentes.

Confirmou-se que a tonalidade afectiva se trata de uma dimensão da relação objectal consideravelmente estável ao longo do desenvolvimento do indivíduo, na medida em que os dados obtidos mostram não haver qualquer correlação com a idade, realçando nesta dimensão um importante indicador da representação afectiva das relações no indivíduo no seu crescimento subsequente.

Os resultados vão no sentido de uma associação entre a qualidade da representação da vinculação e a qualidade da tonalidade afectiva das representações da relação objectal. Esta relação verificou-se em 4 narrativas – sumo entornado, joelho magoado, separação e reencontro – com a excepção da narrativa da história do Monstro no quarto. Assim para as 4 narrativas com temas predominantemente relacionados com elementos reais, característicos de situações rotineiras, e portanto mais conscientes, verificou-se uma relação entre a qualidade do modelo interno de vinculação e a qualidade da tonalidade afectiva da relação objectal.

Pelo que na narrativa em que o medo de um monstro, um objecto imaginário, é o elemento desencadeador do comportamento de vinculação e protecção, não se verifica relação entre a qualidade da representação da vinculação e a tonalidade afectiva da relação objectal.

A especificidade desta dinâmica de associações poderá dever-se ao restrito número de sujeitos que constituiu a nossa amostra e/ou às suas características particulares. Não obstante, a justificação pode estar relacionada com a natureza da temática da história do Monstro no Quarto, cujo conteúdo poderá remeter para uma fantasia edípica, maioritariamente inconsciente.

Na sequência de uma análise mais exaustiva sobre o conteúdo das narrativas referentes a esta história, foi possível constatar uma tendência para desenrolar a narrativa em torno de situações em o filho/a (protagonista da história) recorre à(s) figura(s) de vinculação para partilhar a mesma cama, ou junta a sua cama com a dos pais, de modo a dormirem mais próximos. Apenas uma minoria colocou os personagens nas respectivas camas, ou não fez

qualquer referência a esta questão. A abundância desta temática realçou a possibilidade de estar presente nestas crianças uma fantasia, caracteristicamente edipiana, num plano mais inconsciente, despoletada perante uma necessidade de protecção (e.g. de um excerto de uma narrativa: “*Depois o pai disse que era melhor dormir com ele* (deita o Jorge na cama dos pais com a mãe) *para o Jorge não ter medo e o pai vai dormir para a cama do Jorge.*”)

De acordo com Klein (1921-1996) a fantasia está em estreita vinculação com: a pulsão, o processo primário, a memória, o mundo dos objectos interno e externo, os mecanismos de defesa e linguagem. O que explicaria os dados referentes à correlação, encontrada apenas para esta história, entre o QI verbal e a tonalidade afectiva, sugerindo que uma maior capacidade semântica auxilia a organização do mundo interno e a gestão da angústia mediante o funcionamento das defesas permitindo uma visão mais benevolente das relações objectais.

As limitações deste trabalho assentam no restrito número de sujeitos que constituíram a nossa amostra podendo dificultar a generalização dos resultados obtidos. O facto de não se ter realizado um estudo comparativo com uma amostra normativa, veio trazer algumas dúvidas sobre os resultados alcançados, pois não nos permitiu definir com clareza as razões para determinadas relações.

Com base nesta limitação, seria pertinente realizar futuramente um estudo comparativo, à luz da metodologia utilizada no presente estudo, entre crianças que vivem em meio familiar e crianças institucionalizadas, com o intuito de esclarecer a especificidade dos resultados obtidos e permitir a generalização destes mesmos.

Seria interessante analisar os valores do parâmetro Resolução de modo a perceber qual a figura essencialmente utilizada pela criança, quando escolhida, para resolver o problema central das histórias, à luz da qualidade dos modelos internos da vinculação da criança. Esta análise poderia dar mais informações acerca da qualidade das representações da vinculação existente com cada figura parental.

Referências

- Ajuriaguerra, J., & Marcelli, D. (1991). *Manual de Psicopatologia* (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, São Paulo.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Azevedo, M. C., & Maia, A. C. (2006). *Maus-tratos à criança*. Lisboa: Climepsi.
- Blatt, S. J., & Levy, K. N. (2003). Attachment theory, psychoanalysis, personality development, and psychopathology. *Psychoanalytic Inquiry*, 23 (1), 104-152.
- Bolger, K. E., & Patterson, C. J. (2003). *Sequelae of Child Maltreatment: Resilience and vulnerability*. Adaptation in the context of Childhood Adversities (1st ed.) (pp.156-181). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowlby, J.
- (1973). *Attachment and loss. Separation: Anxiety and anger* (Vol.II). Penguin Books (first published by the Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis 1973).
 - (1980). *Attachment and Loss: Vol: 3. Loss*. New York: Basic Books.
 - (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
 - (1984). *Apego e perda. Apego* (Vol.1). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969).
 - (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: Jonh Bowlby and May Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28 (5), 759-775. R. D. Parke (Ed.) – July 1992
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990) Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago: The University of Chicago Press.

- Bretherton, I., Ridgeway, D. (1990). Appendix: Story completion tasks to assess young children's internal working models of child and parents in the attachment relationship. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 300-305). Chicago: The University of Chicago Press.
- Câmara, P. (2005). *Depressão na infância e relações objectais* (1ªed.). Psicológica 26. Lisboa: Climepsi Editores.
- Canavarro, M (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Carneiro, R. et al. (2005). *Casa Pia de Lisboa. Um projecto de esperança: as estratégias de acolhimento das crianças das crianças em risco: relatório final* (1ª ed.). Cascais: Principia.
- Cerezo, M. (1995). El impacto psicológico del maltrato: primera infancia y edad escolar. *Infancia y Aprendizaje*, 75, 135-157.
- Cole, M., & Cole, S. R. (2000). *The development of children*. NY: Worth Publishers.
- Cummings, E. M. (1990). Classifications of attachment on a continuum of felt security: illustrations from the study of children of depressed parents. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 311-338). Chicago: The University of Chicago Press.
- Fairbairn, R. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade* (2ªEd.). Vega Universidade.
- Figueiredo, B. (1998). Maus-tratos à Criança e ao Adolescente (I): Situação e Enquadramento da problemática. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 5-20.
- Figueiredo, B. (1998a). Maus-tratos à Criança e ao Adolescente (II): Considerações a Respeito do Impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 197-216.
- Freedendfeld, R. N., Ornduff, S. R. & Kelsey, R. M. (1995). Object relations and physical abuse: A TAT analysis. *Journal of Personality Assessment*. Vol. 64(3), 552-568.
- Goldblatt, N. G. F. (2003). Assessment of object relations phenomena in foster children. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 64(3B), p.1537.
- Greenberg, J. G., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objectais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes médicas.

- Heller, C. (2000). *Narrative coding manual: Attachment ratings and classifications*. Unpublished manuscript.
- Heon, S. M. (2006). Object relations in foster care: A comparative analysis using scores. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 67(3B), p. 1702.
- Hilsenroth, M., Stein, M., & Pinsker, J. (2004). *Social cognition and object relations scale: Global rating method (SCORS-G) - Training manual*. Unpublished manuscript, The Derner Institute of Advanced Psychology Studies, Adelphi University, Garden City, NY.
- Klein, M. (1921-1996). *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Lewis, M., Sullivan, M. W., Stanger, C., & Weiss, M. (1989). Self-development and self-conscious emotions. *Child Development*, 60, 146-156
- Lowenthal, B. (2001). *Abuse and Neglect: The Educator's Guide to the Identification and Prevention of Child Maltreatment*. Blatimore: Paul H Brokes Publishers.
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Monteiro, L. & Shin, N.(in press). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & Waters (Eds), *Growing points of attachment theory and research: Monographs of the Society for the Research in the Child Development*, 50 (1-2), 66-104.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood: Ablex .
- Matta, I. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morais, E. (2001). *Maus Tratos Físicos de Crianças*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Oppenheim, D. (1997). The attachment doll-play interview for preschoolers. *International journal of behavioral development*, 20 (4), 681-697.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K.

- Kondo-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3), 197-215.
- Reis, N. M. (1998). *O desenvolvimento de bebés em instituição*. Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Rosinha, I. (2005). Abandono psicológico: Estudo Exploratório. Um contributo dos profissionais dos centros de acolhimento temporário de menores em risco. In E. Sá, I. Rosinha, M. C. Sottomayor, & M. J. Cunha (Eds.), *Abandono e Adopção* (pp.13-41). Coimbra: Almedina.
- Sandler, M. D. J. (1995, July). On Attachment to Internal Objects. In *Clinical Implications of Attachment: The work of Mary Main*. University College, London.
- Sá, E. (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século – Edições.
- Sá, E., Matela, S., Morais, R. & Veiga, C. (2004). A doença psicológica no bebé. In E. Sá (Ed.), *A maternidade e o bebé*. (2ª ed., pp. 133-166). Lisboa: Fim de Século – Edições.
- Soares, I. (2002, Abril). *Construção da vinculação: da relação ao self e do self às relações*. In *Aquém e além do cérebro: Actas do 4º Simpósio da Educação Bial realizado na casa do médico* (pp. 181-204), Porto: Fundação Bial.
- SPSS 15.0 (2006). *SPSS for Windows*, Rel. 15.0.0.2006. Chicago: SPSS Inc.
- Sroufe, L. A. (1978, October). *Attachment and the roots of competence*. *Human Nature*.
- Toth, S. L., Cicchetti, D. (1996). Patterns of relatedness, depressive symptomatology and perceived competence in maltreated children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Vol.64, N°1, pp 32-41.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., Maughan, A., & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, 2 (3), 271-305.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B., Santos, A., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo dinâmico interno da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, Vol. (23) 2, pp. 85-95.

Vorria, P., Papaligoura, Z., & Sarafidou, J. (2006). The development of adopted children after institutional care: A follow-up study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, Vol 47 (12), pp.1246-1253.

Winnicott, D. W. (1975). *A criança e o seu mundo* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Westen, D. (1991). Clinical assessment of object relations using TAT. *Journal of Personality Assessment*, 56(1), 56-74.

Westen, D., Barends, A., Leigh, J., Mendel, M., & Silbert, D. (1990). *Social cognition and object relations scale (SCORS): Manual for coding interview data*. Consultado em 16 de Maio de 2008 através de

<http://www.psychsystems.net/lab/type5.cfm?id=600§ion=5&source=200&source2=3>

Laboratory of Personality and Psychopatology da Universidade de Emory.

Westen, D., Barends, A., Leigh, J., Mendel, M., & Silbert, D. (1994). *Social cognition and object relations scale (SCORS): Manual for coding interview data*. Unpublished manuscript, Harvard University, Cambridge, MA.

Westen, D., Klepser, J., Silverman, M., Boekamp, J., Ruffins, S. A., & Lifton, N. (1991). Object relations in childhood and adolescence: the development of working representations. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59 (3), 400-409.

Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F., & Carlson, E. (2005, September/October). Attachment in Institutionalized and Community Children in Romania. *Child Development*, 76(5), 1015-1028. Retrieved July 12, 2008 from EBSCOHost Academic Search Elite database.

Anexo A

Attachment Story Completion Protocol – ASCP

(Inge Bretherton & Doreen Ridgeway, 1990)

Materiais

Figuras da família: bonecos representativos de uma família, flexíveis e realistas, compreendendo um pai (P), uma mãe (M), e duas crianças (Cçs) de ambos os géneros (uma visivelmente mais velha e outra mais nova).

Existência de um outro boneco, com as mesmas características que os anteriores, correspondente a uma vizinha da família (V).

Outros adereços: uma mesa e as respectivas cadeiras; um bolo de aniversário; um conjunto de pequenos pratos e talheres e copos numa caixa; uma embalagem de sumo, uma toalha de mesa (opcional – não foi usada nesta investigação); uma peça de feltro verde para representar a relva (22,5 cm X 22,5 cm aprox.); pequena esponja artificial verde, cortada de forma a parecer-se com uma rocha; uma cama de casal e duas camas individuais, com respectivos cobertores, um automóvel (10 X 15 cm aprox.).

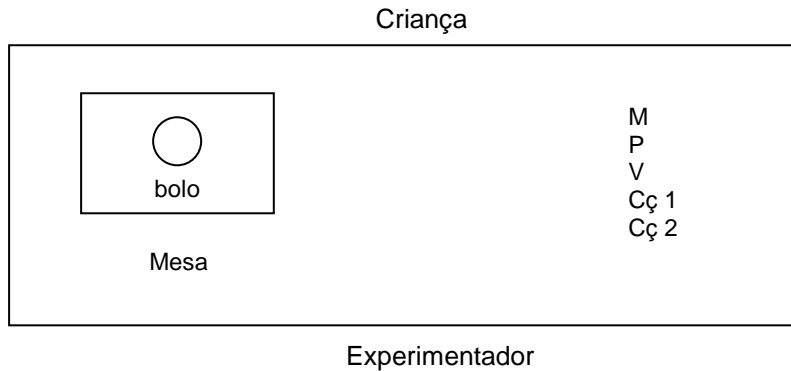
Apresentação das personagens

Entrevistador: “Olha quem temos aqui.” (mostrar a família). “Aqui está a nossa família. Olha, esta é a vizinha, este é o pai, esta é a mãe e estes são os filho(a)s”. (Mostrar os bonecos à criança enquanto são nomeados. Pedir à criança para que atribua um nome às duas crianças e à vizinha).

Entrevistador: “Quem são estes?” (apontar para as figuras). “Sabes uma coisa? Tenho uma ideia. Vamos inventar umas histórias sobre eles. Que tal em começar uma história sobre a nossa família e tu acabares?”

Histórias

“Quebra-gelo” – História de Aniversário (M, P, V, 2Cçs, mesa, pratos, bolo)



E: *Esta é a mesa da família e o que é isto?* (mostrar o bolo à criança e esperar que esta o nomeie)... *Que tipo de bolo?... Sim, é um bolo de aniversário.*

Agora ouve a história com muita atenção.

A mãe fez este bonito bolo e está a chamar:

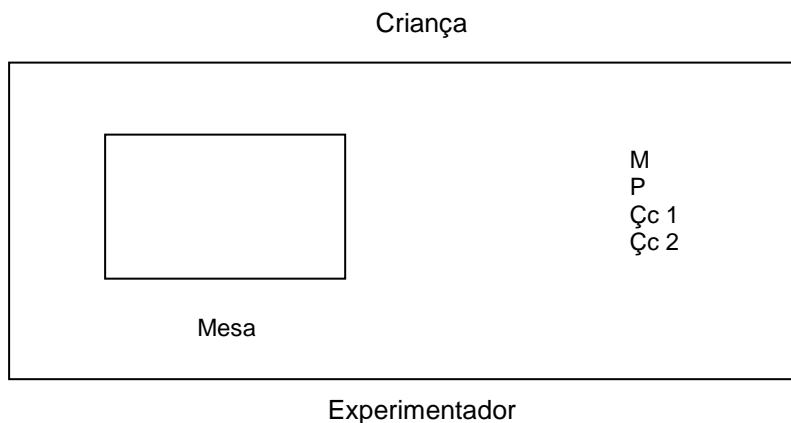
Mãe: *Vem pai, venham meninos(as), vem vizinha vamos fazer uma festa de aniversário.*

E: Mostra-me o que acontece agora. (tom de voz convidativo, deixar a criança brincar com as figuras ou contar a história se a criança não o fizer).

História do Sumo Entornado (2 Cçs, M, P, mesa, pratos)

E: *Tenho uma ideia para outra história.*

(colocar a figura da vizinha de lado e colocar as figuras como abaixo indicado, afastadas da pequena mesa)



E: (agitar a caixa com os talheres) *Podes ajudar-me a pôr a mesa para o jantar?* (dar a caixa à criança, esperar que ponha a mesa, ajudando se necessário)

E: *Agora coloca a família à volta da mesa, para que eles possam comer* (esperar que a criança coloque as figuras).

E. faz o resumo: *A nossa família está a jantar e o filho levanta-se para pegar no jarro do sumo e entorna o seu copo* (fazer com que o boneco que representa a criança bata na mesa de modo a ser visível pela criança)

Mãe: *Filho, entornaste o teu sumo!* (tom de voz repreendedor, mas não demasiado. Virar a mãe para o filho e movimentá-la enquanto fala).

E: “Mostra-me o que acontece agora”

Como questionar

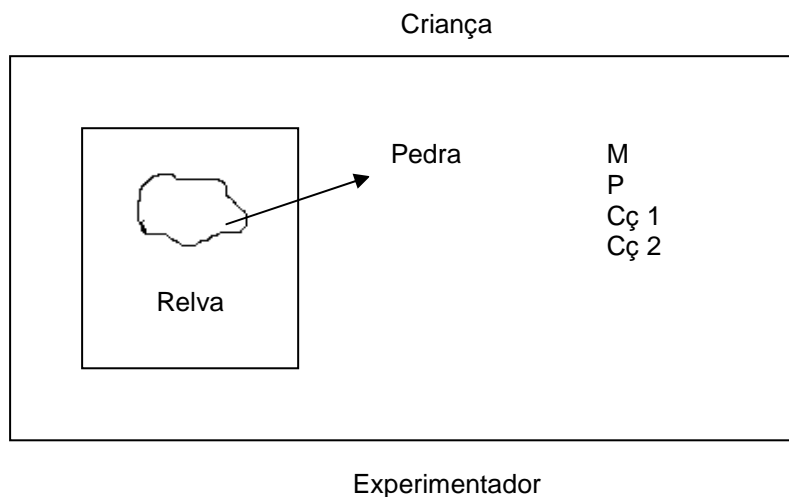
O experimentador questiona (se a criança não o mencionar espontaneamente): *O que fizeram acerca do sumo entornado?* Se a criança só der uma resposta: *Mais alguma coisa?, O que mais?, E depois?* Se a criança age com as figuras acções ambíguas, perguntar: *o que estão a fazer?* Se a criança usar um pronome ambíguo quando fala acerca das figuras, perguntar: *Quem estava a fazer isso?* O experimentador também pode repetir a frase da criança em forma de pergunta, para verificar o que a criança disse: *A mãe entornou o sumo? E depois?* Se a criança perguntar pela vizinha, dizer *“A vizinha não entra nesta história, vamos buscá-la para outra história mais tarde.”*

Estas questões estão formuladas de forma a não sugerir ideias precisas à criança. A única excepção é a questão sobre o tema (sumo entornado) se a criança não o fizer.

História do joelho magoado (2 Cçs, M, P, feltro verde para a relva, esponja para a rocha)

E: *“Tenho uma ideia para outra história. Pões a família ali e prepara-a para a próxima história enquanto eu tiro daqui estas coisas.”*

(O Experimentador aponta para a ponta da mesa. É importante que o resto da família esteja a cerca de 30 cm da rocha onde a criança vai tropeçar)



E: *Olha o que temos aqui (colocar o pedaço de feltro verde e a pedra). Isto é o jardim. Às vezes vais ao jardim com o teu pai e com a tua mãe? Aqui está a nossa família e eles aqui vão a passear no jardim. Neste jardim há uma rocha muito alta.*

Cç: *Olhem, mãe e pai. Olhem para mim a subir a esta rocha tão alta (fazer a figura de criança a subir à rocha e a cair). Ai! Magoei o joelho (com voz de choro).*

E: “Mostra-me o que acontece agora.”

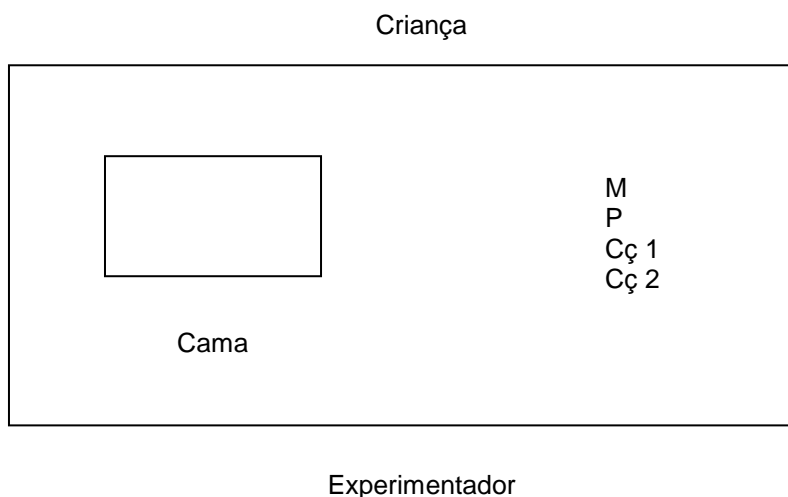
Caso a criança não mencione espontaneamente o experimentador questiona: *O que é que eles fizeram com o joelho magoado?* Perguntar o que as personagens estão a fazer se isso não for acompanhado de discurso. Pedir à criança para mostrar o que as figuras estão a fazer e questionar para elaboração *“Mais alguma coisa?” “E depois?”*

No caso das crianças institucionalizadas, não foi feita qualquer referência à família da criança, pelo que apenas lhes foi questionado: *às vezes vais ao jardim?*

História do monstro no quarto (2 Cçs, M, P, cama com feltro)

E: *“Podes preparar a família para a próxima história?”*

(colocar os adereços como na figura, se o sujeito não o fizer. Mais uma vez é importante ter o resto da família a pelo menos 30 cm da cama no “quarto”)



E: *Olha, o que acontece agora. Ouve com atenção.*

M: (Direccionar a M para Cç 1 e movimentá-la ligeiramente enquanto fala)

Está na hora de ir para a cama. Vai para o teu quarto e mete-te na cama.

P: *Vai para a cama* (A mesma acção que a M, com voz grave).

Cç: *Está bem, mãe e pai. Eu vou.* (fazer a Cç andar para a cama).

E comenta: *A Cç vai para o seu quarto.*

Cç: *Mãe! Pai! Está um monstro no meu quarto! Está um monstro no meu quarto!*

(Tom de voz alarmado).

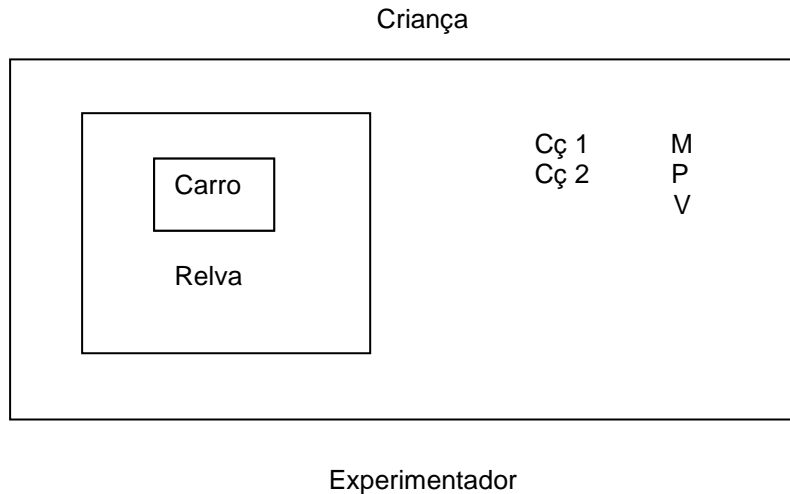
E: “Mostra-me o que acontece agora”.

O experimentador questiona o sujeito se ele não o mencionar espontaneamente: *O que é que eles vão fazer acerca do monstro no quarto?* Se necessário, usar outras questões de acções ambíguas, pedir às crianças para mostrar acções que simplesmente descrevem, e pedir elaboração dizendo: *E agora? Mais alguma coisa?* Se a criança pára de brincar, ou se torna repetitiva, continuar dizendo:

E: “Estás pronto para a próxima?”

História da partida (2Cçs, M, P, V, feltro verde, carro)

E: *Desta vez vamos usar a vizinha.* (colocar a família e a vizinha num dos lados da mesa, com o feltro verde e o carro como indicado na figura; é importante colocar o carro em frente à criança e os pais em frente das crianças e da vizinha.)



E: *Aqui é a entrada da casa deles e aqui eles têm o carro, é o carro da família.* (colocar a M e o P em frente às Cç 1 e Cç 2 e à vizinha, com o carro em frente à criança).

E: *Sabes o que é que me parece que vai acontecer, nome da criança, parece que a mãe e o pai vão de viagem.*

M: *Muito bem, meninos. O vosso pai e eu vamos de viagem. Vamos agora embora.* (Movimentar a M ligeiramente enquanto ela fala com as crianças).

P: *Ate amanhã. A vizinha fica convosco.* (Movimentar P ligeiramente, como M).

E: “Mostra-me o que acontece agora”

Importante: Deve-se deixar a criança por as figuras no carro e fazer o carro partir. Só se deve intervir se a criança parecer não ser capaz de fazer o carro partir.

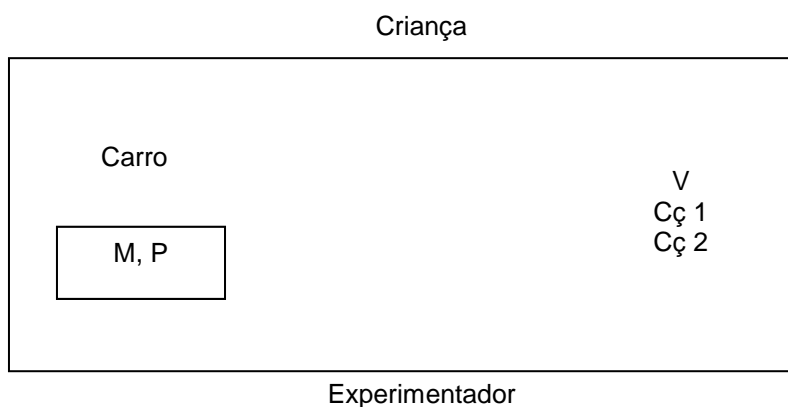
Se a criança puser as crianças no carro, dizer: *Não, é só o pai e a mãe que vão.* Depois a criança (ou se necessário o experimentador) faz o carro partir. O experimentador coloca o carro por baixo da mesa, não visível. Se a criança quiser ir buscar o carro, o experimentador replica: *Não, eles ainda não regressaram.*

E: *E aí vão eles.* (Enquanto o carro é colocado por baixo da mesa).

O entrevistador questiona se a criança não menciona espontaneamente “O que fazem as crianças enquanto a mãe e o pai estão fora?” e utiliza outras questões para clarificar acções, ou actores e/ou pede à criança para agir o que está a descrever.

História do reencontro (os mesmos adereços que na história da partida)

Trazer o carro com os pais debaixo da mesa e colocá-lo a alguma distância da família (colocá-lo perto do experimentador, de forma à criança precisar de alcançá-lo para conduzi-lo de volta a “casa”). Se a criança tiver colocado as figuras da criança e da vizinha no centro da mesa na história anterior, colocá-la de volta perto da criança para criar distâncias entre o carro que regressa e as figuras.



E: *Sabes uma coisa? Já é o dia seguinte e a vizinha olha pela janela (fazer a vizinha olhar para o carro, movendo-a enquanto falava) e diz:*

V: *Olhem meninos aí vem a vossa mãe e o vosso papá. Chegaram de viagem.*

E: “Mostrem-me o que acontece agora.” (deixar a criança conduzir o carro para a “casa”, intervir apenas se a criança não o fizer)

Questionar a criança se ela não tirar espontaneamente as figuras do carro: “O que é fazemos agora que o pai e a mãe estão de volta a casa?” Usar também as questões dadas na história do “sumo entornado,” no momento apropriado.

Se a criança pedir outros adereços, como a cama, por exemplo, dá-los à criança. No entanto não dar a vizinha nas histórias precedentes. Dizer apenas: “Ela vai voltar mais tarde” ou “vamos brincar com ela noutra história mais tarde.” É muito importante a seguir as localizações dos adereços e figuras, especialmente a distância entre pais e criança nas histórias do joelho magoado, monstro e reencontro.

Anexo B

A Prova de Informação é a primeira a ser aplicada, aqui, é conveniente que o experimentador, procure quebrar a barreira inicial com a criança de modo a que esta se sentisse mais confortável e à vontade. Em seguida, o experimentador fez uma pergunta introdutória à criança, não pontuável, neste caso, “Qual é o teu apelido?”, passando posteriormente à aplicação da prova. O experimentador leu cada um dos itens exactamente como é apresentado e pela ordem indicada. Nos casos em que a resposta da criança não foi clara o experimentador interveio “O que queres dizer?” ou “Diz-me algo mais”. O experimentador interrompeu a prova nos casos em que a criança obteve 5 fracassos consecutivos. É atribuído um ponto à criança por cada resposta correcta, podendo obter, no máximo, 23 pontos.

A aplicação da Prova de Vocabulário começa com o experimentador dizendo: “Quero ver quantas palavras conheces. Ouve e diz-me o que querem dizer algumas destas palavras: “Guarda-sol? O que é um guarda-sol?”. O experimentador continua a ler a lista de palavras, sem alterar a ordem pela qual são apresentadas e repetindo para cada novo item: “O que é um...?” ou “O que quer dizer...?”. Quando a prova era aplicada a crianças mais velhas, a partir do terceiro item, o experimentador omitiu a pergunta inicial, dizendo apenas a palavra. Na situação em que a resposta da criança não foi clara, o experimentador incentivou: “Explica-me melhor” ou “Diz-me algo mais”, ou repetiu a pergunta dando maior ênfase à palavra em questão. A prova foi interrompida quando a criança obteve 5 fracassos consecutivos. Cada item é pontuado com 2, 1 ou 0 pontos, podendo alcançar uma pontuação máxima de 44 pontos nesta prova. Em geral, qualquer significado reconhecido da palavra é aceitável, sem ter em conta a elegância da expressão. Não obstante, penaliza-se a pobreza de conteúdo quando a resposta da criança mostra que esta possui apenas um conhecimento vago do significado da palavra reduz-se a pontuação.

Na prova de Aritmética o experimentador colocou as primeiras 8 questões auxiliando-se do material indicado, ou seja, um caderno com figuras e 9 peças redondas lisas e de cor branca. Nas primeiras 8 questões a criança não tem tempo limite para responder, no entanto, nos casos em que não é dada uma resposta passados 15 segundos o experimentador passou à questão seguinte. O experimentador leu os restantes itens apenas ua vez, contudo, nas situações em que a criança pediu ou foi claro que não percebeu o que tinha de fazer, leu de novo. Para estes itens o tempo limite para cada pergunta são 30 segundos, sendo que o experimentador começou a

cronometrar a partir da 1ª leitura do problema. Quando a criança deu uma resposta, correcta ou não, mas indicou rapidamente e dentro do tempo limite que queria alterá-la o experimentador permitiu, sendo cotada a 2ª resposta dada. Nos casos em que a criança não se decidiu por uma resposta o experimentador perguntou: "Qual é a tua decisão?", pontuando a resposta final. Se o tempo limite acabou e a criança não optou por uma resposta o experimentador cotou 0. A prova foi interrompida quando a criança falhou 4 vezes consecutivas. É atribuído um ponto por cada resposta correcta.

Na Prova de Semelhanças o experimentador começou a prova dizendo: "Vou dizer-te uma coisa que não está completa...Quero que termines de dizê-la...". Depois, leu o primeiro item uma vez, com um tom de voz ascendente e uma pausa apropriada.

Se a criança aparentou não estar a entender o item ou deu uma resposta errada, o experimentador repetiu e deu a resposta correcta do seguinte modo: "Tu andas de comboio e andas também de... Carro, avião, barco e em mais coisas...". O experimentador repetiu os itens de 2 a 10 quando necessário, mas não ofereceu ajuda complementar. Os itens de 1 a 5 foram passados a todas as crianças, no entanto, nos casos em que não houve nenhuma resposta correcta por parte da criança, o experimentador interrompeu a prova. Caso a criança tenha dado pelo menos uma resposta correcta o experimentador passou o item 6, interrompendo a prova das crianças que deram, a partir do item 5 inclusive 4 respostas erradas consecutivas. É dado à criança 1 ponto por cada resposta correcta até 10. No item 11 o experimentador começou por dizer: "Em que é que se parecem uma ameixa e um pêssgo?", se a criança disse que não se parecem, deu uma resposta errada ou não respondeu, o experimentador disse: "Os dois são frutos, crescem nas árvores, comem-se", passando imediatamente para o item 12: "Agora diz-me...Em que é que se parecem o vinho e a cerveja?" e se a criança não deu nenhuma resposta aceitável o experimentador disse: " Os dois são bebidas alcoólicas, que embebedam...". No caso de a criança ter dado uma resposta de pontuação 1 nos itens 11 e 12 o experimentador deve dar-lhe exemplos de respostas que valham 2 pontos, a partir do item 13 inclusive o experimentador não oferece mais ajuda. Os itens foram lidos lentamente e se a resposta foi pouco clara ou ambígua o experimentador disse algo como: "O que queres dizer?" ou "Diz-me um pouco mais...". Os itens 11 a 16 são pontuados com 2, 1 e 0 pontos, podendo a criança obter um máximo de 22 pontos.

Na prova de Compreensão o experimentador leu cada um dos itens lentamente e nos casos em que a criança estava distraída ou percebeu claramente que não tinha entendido a pergunta, este

repetiu-a tal e qual é apresentada. Nos casos em que a criança não respondeu em 15 segundos, o experimentador repetiu novamente a pergunta, mas sem mais ajudas. Quando as respostas dadas foram pouco claras ou ambíguas o experimentador disse: “Explica-me mais por favor...” ou “Diz-me algo mais...”. Nos itens 4,8,9,11,13 e 15 se a criança só deu uma razão, o experimentador disse: “Diz-me mais...as casas têm janelas”. O experimentador interrompeu a prova quando quatro respostas eram erradas consecutivamente. Cada item é pontuado com 2, 1 e 0 pontos tendo em conta o grau de generalização e a qualidade das respostas. No máximo, a criança pode obter nesta prova 30 pontos.

Anexo C

Scoring Rules: Affect-tone of Relationship Paradigms

Drew Westen and Alex Barends

Principle: scale measures affective quality of representations of people and relationships. It attempts to assess the extent to which the person expects from the world, and particularly from the world of people, profound malevolence or overwhelming pain, or views social interaction as basically benign and enriching.

General Scoring Rules:

- (1) Score primarily for affect-tone of the subject's perceptions or expectations of others, and secondarily for the quality of relatedness of the subject to others or for the affect evoked by the situation. For example, if the subject evidences interpersonal manipulateness but seems to enjoy relationships and expect them to be gratifying, score primarily for positive affect-tone of expectations; similarly, the subject's momentary affects or the disturbing nature of a particular interaction (e.g., an anomalous fight) should weigh into scoring but should be secondary to inferences about the affective quality of the subject's more general expectations of relationships if there are clear indications of markedly different expectations of relationships.
- (2) Affective quality of self-representations or descriptions of positive actions of the self toward others are important only insofar as they reflect expectations of the social world; score primarily for affective expectations of how the self is treated by others, rather than vice versa.
- (3) Make use of all information, including comments, asides, etc., e.g., "I had a good time with her - for once - usually I feel like dirt with girls." Where there is evidence of activation of a malevolent object world or inappropriately malevolent attributions (where the malevolent attribution is not warranted by the situation), score Level 1 or 2, even if there are elements of compassion and/or positive affect-tone in the story.
- (4) Score primarily for the episode the subject is currently describing unless the coder has other information that clearly places this particular interaction in a broader frame of reference. For example, if the subject describes a very painful encounter with a significant other, score for the affect-tone of that specific encounter even if one suspects that the subject has other feelings toward the person, unless the subject explicitly notes counter-examples of comments on the anomalous nature of the encounter.

Level 1

Principle: at Level I the person views the social world as tremendously threatening and/or experiences life as overwhelmingly capricious and painful. People are seen as abandoning, abusing, or destructive of others and oneself with no reason, other than perhaps malice or unconcern. People are often classified as victims or victimizers. The person may feel tremendously alone.

(1) Score for unambiguously malevolent representations of people or interaction, or for grossly negligent caretakers or significant others. If person escapes malevolence through his own efforts or those of someone else, score Level 2. If the response manifests an overwhelming sense of malevolence or victimization with one small "bright spot," score Level 1.

(2) Score for gratuitous violence or aggression by others disproportionate to provocation. Do not score for violence between actors that is competitive (e.g., reflects masculine competition for position) or a consequence of an attempt to establish "turf"; 'score Level 2.

(3) Score for profound loneliness or interpersonal emptiness, even if there is one small "bright spot."

(4) Score for clearly malevolent attributions or paranoid concerns, even when it is not the self who is in danger.

Level 2

Principle: at Level 2 the person views the world, and particularly the world of people, as hostile, capricious, empty, or distant, but not overwhelming. The person may feel alone. People may be experienced as unpleasant or uncaring, but not primarily as threats to one's existence.

(1) Score for predominantly hostile interactions which are not overwhelming. Interactions can be capricious, unpleasant and/or threatening, but the social world is not viewed as generally malevolent. Do not score for hostile interactions, where the subject makes it clear that this kind of interaction is unusual or anomalous with respect to her expectations of the social world. Score Level 3 or 4.

(2) Score for sense of people as unempathic or as passing strangers where this appears to be upsetting to the subject or the person involved. People may be seen as pushing the subject into doing things, with minimal interaction or consideration.

(3) Score for loneliness or sense of aloneness which is not profound or overwhelming.

(4) Score for victimization, where victimization is seen as substantially self-generated, not only the result of malevolent or impersonal forces. If victimization is overwhelming, score Level 1.

(5) Score for failed ministrations by well-intending others. Score for escape from malevolent forces or malevolent others; or for momentary interpersonal relief from profound depression, loneliness, or chronically low

expectations for self or from others.

(6) Score for escape from a very unpleasant existence through one's own efforts, where there is no help from others and no clear sense of relatedness to others.

(7) Score at least Level 2 for implied compassion of one person for another.

(8) Score for breakdown of relationships without any resolution of consequent negative feelings, if these feelings are not overwhelming.

(9) Score for violence that reflects bravura or competitiveness, or is a consequence of an attempt by the actors to establish "turf" (e.g., adolescent boys pushing each other around).

(10) Score for marked idealization or grossly defensive denial, where idealization or denial clearly mask very upsetting material. If the description only strongly suggests this, score Level 3.

Level 3

Principle: at Level 3 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are not primarily positive. People are generally seen as capable of loving and being loved, of caring and being cared for.

(1) Score for mildly negative representations. People may argue. People may become more distant from one another, where this does not lead to strong negative affects. Score for hostile interactions, where the subject makes it clear that this kind of interaction is unusual or anomalous with respect to her expectations of the social world. If the usual expectation is clearly benign, score Level 4.

(2) Score for affectively mixed representations where the overall tone is negative or neutral (e.g., a person consistently puts down a friend in front of others, they argue about it, and then suddenly are better friends).

(3) Score at least a Level 3 for explicit expression of compassion by one person for another.

(4) Score for person being comforted after a loss unless relatedness between persons is clearly an afterthought tacked onto a story about loneliness (in which case, score Level 1 or 2).

(5) Score for escape from danger effected through the help of benevolent others, where the danger is not the result of malevolent or abusive forces. Where escape from malevolence (i.e., real danger resulting from an intentional force) occurs with help from others, score Level 2.

(6) Score for resolution of difficult feelings through one's own efforts or for negative feelings that dissipate with time.

(7) Score if persons described are somewhat bland and unelaborated but do not appear averse to relating to each other.

(8) Score for minimal affect involved in the episode, where the affect-tone is relatively neutral.

Level 4

Principle: at Level 4 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are primarily positive. In general people are seen as capable of loving and being loved, and enjoying the company of others.

(1) Score for affectively mixed interactions, where overall the affect-tone is positive. Persons may be in conflict, or mildly depressed, but the outcome of their conflicts or interactions is positive in affect-tone. Do not score where a person is momentarily lifted from profound depression, or from chronically low expectations of self and others; score Level 2.

(2) Score for giving or sharing, where this seems largely an expectation or social obligation.

(3) Score for description of personal success where interaction is in a subordinate role.

(4) Score for mutual pleasurable activity where focus is not on the quality of the relationship. Score where the person seems comfortable and happy in the particular episode, but because of a lack of history to the relationship or sense of other relationships, it is unclear whether this is reflective of the person's generalized expectations of the social world.

(5) Score for positive affect-tone where minimal affect is expressed. For example, people may feel closer to one another after conversations they have on topics of mutual interest.

(6) Score for vignettes in which relationships weather a storm and are on good terms at the end, where mutual warmth and caring are in evidence.

(7) Score where subject feels interpersonally efficacious within his social world, and gives evidence of positive expectations of the social world, even if the other person in an interaction is depicted with a somewhat negative tone (e.g., a person assertively confronts someone for his or her intrusiveness and the person's behavior becomes modified).

(8) Score for elements of painful or negative affect-tone in an account about a compelling and mutual friendship.

Level 5

Principle: at Level 5 the person has predominantly positive object representations/person schemas and interpersonal expectancies. He or she generally expects relationships to be benign and mutually enriching. The person expects intimacy, mutual appreciation, and loyalty in close relationships.

(1) Score for very positive interactions in the context of an enduring relationship. People may be seen as doing things for each other or responding to each others' wishes. Do not score where giving and caring is only from the self; score Level 3 or 4. Persons may show genuine interest in one another. Do not score if the story includes a loss of a significant other (score Level 1-3, or 4 in rare cases if loss is largely a backdrop to a story with positive affect-tone of relationships.) Do not score if strong negative affects are expressed about a relationship. Do not score for predominantly positive affects where pleasure is derived less from the quality of relationship than from the enjoyment of an activity that people happen to be enjoying together when it is unclear that this kind of relatedness is enduring; score Level 4.

(2) Score where the subject clearly seems to enjoy a relationship rather than just a shared activity and there is no evidence that this is anomalous or defensive. Do not score for highly stereotypic generalized descriptions of closeness unless the subject provides a compelling example; score Level 4.

(3) Score where subject's comments unequivocally suggest highly positive generalized representations of relationships.

Anexo D

Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Sumo entornado coerência	19	4,0316	1,43839	1,00	5,66
joelho magoado coerência	19	3,8747	1,37108	1,00	5,00
monstro coerencia	19	4,2263	1,03035	2,00	6,00
separacao coerencia	19	3,6116	1,37980	1,00	5,33
reencontro coerencia	19	3,7179	1,51208	1,00	5,66

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Sumo entornado coerência	15,4305	21,118	,772	,883
joelho magoado coerência	15,5874	20,167	,922	,849
monstro coerencia	15,2358	26,818	,517	,929
separacao coerencia	15,8505	20,302	,900	,854
reencontro coerencia	15,7442	20,986	,731	,894

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Sumo entornado segurança	4,2421	1,31285	19
Joelho magoado segurança	3,9626	1,41732	19
monstro segurança	4,3837	1,30149	19
separacao segurança	3,6468	1,35841	19
reencontro segurança	3,7879	1,62922	19

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Sumo entornado segurança	15,7811	23,846	,728	,875
Joelho magoado segurança	16,0605	21,116	,905	,833
monstro segurança	15,6395	25,618	,577	,905
separacao segurança	16,3763	22,167	,852	,847
reencontro segurança	16,2353	21,902	,679	,891

Anexo E

		Sumo entornado segurança	Joelho magoado segurança	monstro segurança	separacao segurança	reencontro segurança
Sumo entornado segurança	Pearson Correlation	1	,773(**)	,487(*)	,715(**)	,525(*)
	Sig. (1-tailed)		,000	,017	,000	,010
	N	19	19	19	19	19
Joelho magoado segurança	Pearson Correlation	,773(**)	1	,566(**)	,833(**)	,782(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,006	,000	,000
	N	19	19	19	19	19
monstro segurança	Pearson Correlation	,487(*)	,566(**)	1	,635(**)	,377
	Sig. (1-tailed)	,017	,006		,002	,056
	N	19	19	19	19	19
separacao segurança	Pearson Correlation	,715(**)	,833(**)	,635(**)	1	,654(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,002		,001
	N	19	19	19	19	19
reencontro segurança	Pearson Correlation	,525(*)	,782(**)	,377	,654(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,010	,000	,056	,001	
	N	19	19	19	19	19

		Sumo entornado coerência	joelho magoado coerência	monstro coerencia	separacao coerencia	reencontro coerencia
Sumo entornado coerência	Pearson Correlation	1	,844(**)	,406(*)	,794(**)	,581(**)
	Sig. (1-tailed)		,000	,042	,000	,005
	N	19	19	19	19	19
joelho magoado coerência	Pearson Correlation	,844(**)	1	,532(**)	,865(**)	,784(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,010	,000	,000
	N	19	19	19	19	19
monstro coerencia	Pearson Correlation	,406(*)	,532(**)	1	,568(**)	,384
	Sig. (1-tailed)	,042	,010		,006	,052
	N	19	19	19	19	19
separacao coerencia	Pearson Correlation	,794(**)	,865(**)	,568(**)	1	,755(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,006		,000
	N	19	19	19	19	19
reencontro coerencia	Pearson Correlation	,581(**)	,784(**)	,384	,755(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,005	,000	,052	,000	
	N	19	19	19	19	19

Anexo FCoerência**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	19	54,3
	Excluded(a)	16	45,7
	Total	35	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,906	5

Segurança**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	19	100,0
	Excluded(a)	0	,0
	Total	19	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,895	5

Anexo G

Group Statistics					
	sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
coerência	feminino	8	4,4563	,43444	,15360
	Masculino	11	3,4824	1,35394	,40823
segurança	feminino	8	4,6808	,40972	,14486
	Masculino	11	3,7609	1,08887	,32831

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
coerência	Equal variances assumed	23,451	,000	1,949	17	,068	,97389	,49960	-,08018	2,02795
	Equal variances not assumed			2,233	12,669	,044	,97389	,43617	,02909	1,91868
segurança	Equal variances assumed	17,093	,001	2,261	17	,037	,91984	,40683	,06151	1,77817
	Equal variances not assumed			2,563	13,540	,023	,91984	,35885	,14773	1,69195

Anexo H**Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
affect-tone sumo entornado	19	2,5000	,72648	1,00	4,00
affect-tone joelho magoado	19	2,3421	,88275	1,00	4,00
affect-tone monstro	19	2,6842	,73050	1,00	3,50
affect-tone separação	19	2,1053	,77422	1,00	3,00
affect-tone reencontro	19	2,3421	,98675	1,00	4,00

Anexo I

			affect-tone sumo entornado	affect-tone joelho magoado	affect-tone monstro	affect-tone separação	affect-tone reencontro	wpsi
Spearman's rho	affect-tone sumo entornado	Correlation Coefficient	1,000	,518(*)	,254	,621(**)	,392(*)	-,039
		Sig. (1-tailed)	.	,011	,147	,002	,049	,443
		N	19	19	19	19	19	16
	affect-tone joelho magoado	Correlation Coefficient	,518(*)	1,000	,087	,794(**)	,478(*)	-,115
		Sig. (1-tailed)	,011	.	,361	,000	,019	,336
		N	19	19	19	19	19	16
	affect-tone monstro	Correlation Coefficient	,254	,087	1,000	,300	,097	,509(*)
		Sig. (1-tailed)	,147	,361	.	,106	,346	,022
		N	19	19	19	19	19	16
	affect-tone separação	Correlation Coefficient	,621(**)	,794(**)	,300	1,000	,569(**)	,258
		Sig. (1-tailed)	,002	,000	,106	.	,005	,167
		N	19	19	19	19	19	16
	affect-tone reencontro	Correlation Coefficient	,392(*)	,478(*)	,097	,569(**)	1,000	-,044
		Sig. (1-tailed)	,049	,019	,346	,005	.	,436
		N	19	19	19	19	19	16
	wpsi	Correlation Coefficient	-,039	-,115	,509(*)	,258	-,044	1,000
		Sig. (1-tailed)	,443	,336	,022	,167	,436	.
		N	16	16	16	16	16	16

Anexo J

Group Statistics					
	sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
affect-tone sumo entornado	feminino	8	2,5000	,46291	,16366
	Masculino	11	2,5000	,89443	,26968
affect-tone joelho magoado	feminino	8	2,4375	,90386	,31956
	Masculino	11	2,2727	,90453	,27273
affect-tone monstro	feminino	8	2,5625	,82104	,29028
	Masculino	11	2,7727	,68424	,20631
affect-tone separação	feminino	8	2,0000	,84515	,29881
	Masculino	11	2,1818	,75076	,22636
affect-tone reencontro	feminino	8	2,6250	,74402	,26305
	Masculino	11	2,1364	1,12006	,33771

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
affect-tone sumo entornado	Equal variances assumed	3,822	,067	,000	17	1,000	,00000	,34735	-,73285	,73285
	Equal variances not assumed			,000	15,683	1,000	,00000	,31546	-,66984	,66984
affect-tone joelho magoado	Equal variances assumed	,084	,775	,392	17	,700	,16477	,42017	-,72171	1,05126
	Equal variances not assumed			,392	15,248	,700	,16477	,42012	-,72942	1,05897

affect-tone monstro	Equal variances assumed	1,002	,331	-,608	17	,551	-,21023	,34553	-,93924	,51878
	Equal variances not assumed			-,590	13,455	,565	-,21023	,35613	-,97696	,55650
affect-tone separação	Equal variances assumed	,513	,484	-,495	17	,627	-,18182	,36754	-,95727	,59363
	Equal variances not assumed			-,485	14,091	,635	-,18182	,37487	-,98534	,62170
affect-tone reencontro	Equal variances assumed	3,854	,066	1,070	17	,300	,48864	,45667	-,47486	1,45213
	Equal variances not assumed			1,141	16,919	,270	,48864	,42807	-,41485	1,39212

Anexo K

Correlations

			atse	atjm	atm	ats	atr	idade
Spearman's rho	atse	Correlation Coefficient	1,000	,518(*)	,254	,621(**)	,392(*)	,097
		Sig. (1-tailed)	.	,011	,147	,002	,049	,346
		N	19	19	19	19	19	19
	atjm	Correlation Coefficient	,518(*)	1,000	,087	,794(**)	,478(*)	-,098
		Sig. (1-tailed)	,011	.	,361	,000	,019	,344
		N	19	19	19	19	19	19
	atm	Correlation Coefficient	,254	,087	1,000	,300	,097	,405(*)
		Sig. (1-tailed)	,147	,361	.	,106	,346	,043
		N	19	19	19	19	19	19
	ats	Correlation Coefficient	,621(**)	,794(**)	,300	1,000	,569(**)	,181
		Sig. (1-tailed)	,002	,000	,106	.	,005	,229
		N	19	19	19	19	19	19
	atr	Correlation Coefficient	,392(*)	,478(*)	,097	,569(**)	1,000	,074
		Sig. (1-tailed)	,049	,019	,346	,005	.	,382
		N	19	19	19	19	19	19
	idade	Correlation Coefficient	,097	-,098	,405(*)	,181	,074	1,000
		Sig. (1-tailed)	,346	,344	,043	,229	,382	.
		N	19	19	19	19	19	19

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

Anexo L

			atse	atjm	atm	ats	atr	vinc
Spearman's rho	atse	Correlation Coefficient	1,000	,518(*)	,254	,621(**)	,392(*)	,614(**)
		Sig. (1-tailed)	.	,011	,147	,002	,049	,003
		N	19	19	19	19	19	19
	atjm	Correlation Coefficient	,518(*)	1,000	,087	,794(**)	,478(*)	,626(**)
		Sig. (1-tailed)	,011	.	,361	,000	,019	,002
		N	19	19	19	19	19	19
	atm	Correlation Coefficient	,254	,087	1,000	,300	,097	,252
		Sig. (1-tailed)	,147	,361	.	,106	,346	,149
		N	19	19	19	19	19	19
	ats	Correlation Coefficient	,621(**)	,794(**)	,300	1,000	,569(**)	,567(**)
		Sig. (1-tailed)	,002	,000	,106	.	,005	,006
		N	19	19	19	19	19	19
	atr	Correlation Coefficient	,392(*)	,478(*)	,097	,569(**)	1,000	,549(**)
		Sig. (1-tailed)	,049	,019	,346	,005	.	,007
		N	19	19	19	19	19	19
	vinc	Correlation Coefficient	,614(**)	,626(**)	,252	,567(**)	,549(**)	1,000
		Sig. (1-tailed)	,003	,002	,149	,006	,007	.
		N	19	19	19	19	19	19

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).